



**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO  
(PUC-SP)**

GABRIELA ZIMBERG

**O Antifeminismo:**

mapeamento dos discursos antagonistas do movimento feminista na internet

Mestrado em Comunicação e Semiótica

São Paulo

2018



Gabriela Zimberg

**O Antifeminismo:**

mapeamento dos discursos antagonistas do movimento feminista na internet

Mestrado em Comunicação e Semiótica

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de MESTRE em Comunicação e Semiótica, sob a orientação do Prof. Dr. José Luiz Aidar Prado.

São Paulo

2018



Banca Examinadora

---

---

---



**O presente trabalho foi realizado com apoio  
da Coordenação de Aperfeiçoamento de  
Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) -  
Código de Financiamento 001.**



## **Agradecimentos**

Manifesto minha extrema gratidão à CAPES cujo apoio financeiro possibilitou a existência dessa pesquisa e vivência acadêmica na excelente e acolhedora instituição de ensino PUC-SP à qual tenho muito estimo e admiração. Meus votos são de que a pesquisa e o conhecimento nunca percam seu lugar e importância em nosso país e que essas instituições sigam realizando o trabalho exemplar que sempre fizeram.

Aos meus mestres que fizeram parte de toda a minha trajetória de aprendizado e me ajudaram a ser quem sou hoje e a conquistar tudo o que conquistei, não somente no âmbito acadêmico mas também e principalmente, na construção de uma visão de mundo mais humana e respeitosa. Neste aspecto, gostaria de frisar minha gratidão ao meu orientador José Luiz Aidar Prado, cujo apoio, preocupação e prontidão com o meu trabalho foram essenciais e serão sempre lembrados com extremo carinho e respeito.

À minha família que possibilitou com seu apoio e estrutura que eu atingisse os meus objetivos acadêmicos e profissionais. A todos os meus amigos que sempre me apoiaram incondicionalmente e compreenderam minhas ausências nestes anos de dedicação à minha trajetória acadêmica e profissional.

E por fim, ao meu companheiro de vida Eduardo Paladino, que vivenciou de perto cada momento bom e ruim deste processo, me incentivando e contribuindo para a construção deste trabalho de todas as maneiras que julgou possíveis. Sempre priorizando o meu crescimento pessoal, profissional e acadêmico e sendo a pessoa mais incrível com quem tenho o prazer de conviver. Não poderia deixar de mencionar minha gratidão à nossa gata Laila, que torna toda experiência difícil mais leve e todo momento feliz mais completo.



## RESUMO

Esta pesquisa analisa como os discursos antifeministas constroem seus contratos de comunicação na internet. Tais discursos são cartografados e submetidos à análise de discurso. Para tanto, apresentamos um panorama da cena antagonista do feminismo a partir do estudo de teóricas feministas nomeadamente Judith Butler, Mary Hawkesworth, Clare Hemmings, Ronee Schreiber, Rita Terezinha Schmidt, e Rachel Soihet. Delimitamos a seguir um *corpus* de pesquisa contemplando as postagens de 19 *fanpages* da rede social *Facebook*, circunscritas no intervalo de 2014-2017, cujo propósito é manifestar o discurso antifeminista. Propomos, alicerçada nesses textos, a elaboração de um histórico de contraposição entre o movimento feminista e o antifeminista, pautado pelos eventos de maior repercussão para o feminismo e que receberam uma grande reatividade por parte dos antifeministas. Em um terceiro momento, explanamos as práticas antifeministas e seus percursos passionais à luz da análise discursiva de Ernesto Laclau, integrada às teorias do acontecimento e contratos comunicacionais de Aidar Prado e Algirdas Greimas, bem como da semiótica tensiva de Claude Zilberberg. Com a finalidade de complementar o argumento analítico, introduzimos ao final uma análise das extremidades poéticas, embasada nas teorias de Christine Mello, aliada à observações complementares que partem do estudo da cibercultura e redes sociais realizado por Adriana Amaral, Ivana Bentes, Raquel Recuero e Lucia Santaella.

PALAVRAS-CHAVE: Antifeminismo, antagonismos, análise do discurso, coleta de dados na internet



## **ABSTRACT**

This research analyses how the antifeminist speeches have built their internet communication contracts. These speeches are mapped and submitted to the Discourse Analysis. Therefore, we present an antagonist panorama of feminism according to feminist scholars such as Judith Butler, Mary Hawkesworth, Clare Hemmings, Ronee Schreiber, Rita Terezinha Schmidt and Rachel Soihet. Hereinafter, we delimit a corpus search reflecting 19 posts of the social media Facebook, restricted to 2014-2017 timelag, whose intent is to display the antifeminist speech. We propose, based on these texts, a construction of a historical opposition between the feminist and antifeminist movements, guided by high-profile feminist events which have received extensive reaction on part of the antifeminists. At a third instant, we examine the antifeminist methods and their fiery precursors in the light of Ernesto Laclau's discourse analysis, integrated with the theories of events and communication contracts by Aidar Prado and Algirdas Greimas, as well as Claude Zilberberg's tensile semiotics. For the purpose of fulfilling the analysis, we introduced at the end an assay of poetry extremities grounded on Christine Mello's theories, combined with additional observations from the cyberculture and social media studies accomplished by Adriana Amaral, Ivana Bentes, Raquel Recuero and Lucia Santaella.

**KEYWORDS:** Antifeminism, Antagonism, Discourse Analysis, Internet data collection



## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 .....	59
Figura 2 .....	60
Figura 3 .....	60
Figura 4 .....	61
Figura 5 .....	62
Figura 6 .....	66
Figura 7 .....	66
Figura 8 .....	69
Figura 9 .....	69
Figura 10 .....	70
Figura 11 .....	70
Figura 12 .....	71
Figura 13 .....	71
Figura 14 .....	72
Figura 15 .....	81
Figura 16 .....	88
Figura 17 .....	88
Figura 18 .....	89
Figura 19 .....	89
Figura 20 .....	96
Figura 21 .....	96
Figura 22 .....	102
Figura 23 .....	104
Figura 24 .....	105



## LISTA DE TABELAS

Tabela 1 .....	56
Tabela 2 .....	63
Tabela 3 .....	64
Tabela 4 .....	65
Tabela 5 .....	67
Tabela 6 .....	73
Tabela 7 .....	74



## LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 .....	75
Gráfico 2 .....	76



## SUMÁRIO

<b>Introdução</b> .....	23
Capítulo 1: A Cena Antagonista .....	30
O Antifeminismo .....	30
Conflitos Socioculturais .....	35
Capítulo 2: As Páginas Antifeministas no Facebook.....	53
Capítulo 3: Percursos Comunicacionais do Antifeminismo no Facebook .....	83
Análise das Extremidades do Antifeminismo.....	98
<b>Considerações Finais</b> .....	107
<b>Anexos</b> .....	116
Anexo A - Posts Coletados para Análise do <i>Corpus</i> .....	116
<b>Bibliografia</b> .....	135



## INTRODUÇÃO

Segundo pesquisa<sup>1</sup> divulgada pelo coletivo feminista Think Olga<sup>2</sup> em parceria com a agência Ideal, as buscas pelos termos “feminismo” e “empoderamento feminino” no ano de 2015, cresceram 86,7% e 354,5%, respectivamente em relação ao ano anterior. A busca por informação a respeito desse movimento é resultado de diversas mobilizações realizadas em redes sociais, algumas delas motivadas por acontecimentos identificados como problemáticos e ofensivos às mulheres, tal qual o caso da adesão à *hashtag* #PrimeiroAssédio, criada com o intuito de permitir às mulheres revelarem suas primeiras experiências de assédio sexual. De acordo com a pesquisa previamente citada, a replicação da *hashtag* excedeu 100 mil compartilhamentos apenas na rede social *Twitter*, conferindo à causa grande visibilidade e repercussão.

Manifestações como esta podem ser resultado da emancipação viabilizada por coletivos feministas digitais, que se tornaram uma “escola feminista para muitas pessoas” (TIBURI, 2015). Esses grupos vêm se multiplicando de tal forma que motivaram a criação da organização MAMU (Mapas de Coletivos para Mulheres), com o objetivo de cartografar pontos físicos e/o virtuais de debate feminista e ajudá-los a ganhar visibilidade<sup>3</sup>. De acordo com Tiburi<sup>4</sup>, esta popularização ocorreu porque as ativistas compreenderam e se apropriaram de fatores indispensáveis para o desenvolvimento das redes sociais, tais quais a facilitação da autopromoção, do espetáculo, do discurso antipolítico, da atmosfera indireta, tornando-se assim uma proteção para aqueles que se expõem, bem como defendendo a liberdade de falar com qualquer pessoa.

O desenvolvimento do feminismo dentro de um contexto cibernético e a consequente ressignificação de diversas de suas dinâmicas, atraem a atenção do meio acadêmico para o tema, de modo que os estudos recentes a respeito do papel da mulher neste cenário puderam

---

<sup>1</sup> Disponível em: <http://thinkolga.com/2015/12/18/uma-primavera-sem-fim/>, acesso em 29 de março de 2016.

<sup>2</sup> Disponível em: <http://thinkolga.com/a-olga/>, acesso em 03 de Fevereiro de 2016.

<sup>3</sup> Disponível em: <http://www.mamu.net.br/#!/loc=-27.347373810080278,-40.36376953125,10>, acesso em 25 de março de 2016.

<sup>4</sup> Em artigo de opinião, publicado pelo jornal digital Zero Hora. Disponível em: <http://zh.clicrbs.com.br/rs/noticias/proa/noticia/2015/12/campanhas-feministas-nas-redes-sociais-evidenciam-a-face-jovem-do-movimento-4923721.html> acesso em: 28 de março de 2016.

multiplicar-se e ramificar-se em diversas áreas de interesse, particularmente em termos da compreensão da identidade feminina, do papel da mulher e sua representação dentro desta perspectiva, como indicam Bagetti (2014), Lôbo (2015) e Corrêa (2015); a reinterpretação do movimento, suas pautas e seus protagonistas no atual panorama, como pesquisam Veiga (2009), Barbosa (2015) e Lucchesi de Carvalho Leite (2015); bem como as próprias influências da internet no ativismo feminista e seus coletivos, estudadas por pesquisadoras como Vieira (2012), Tomazetti (2015), Montenegro (2014), Antunes (2015), Ferraz (2015) e Biondo (2015).

No entanto, é essencial a compreensão de que o feminismo está sendo contemplado neste projeto enquanto discurso político, e que conseqüentemente, sua existência implica na formação de “antagonismos e o exercício do poder” (HOWARTH et al, 2000, p. 9), ou seja, outros discursos que litigam os sentidos, e cuja disputa pode ser classificada em graus afetivos, circunscrita em uma escala de anestesia à estesia (PRADO, 2016). Sendo assim, depreendemos a existência de um campo opositor a ser compreendido, tratado majoritariamente no âmbito das ciências históricas por Flores (2004) e nas ciências sociais por Cruz e Dias (2015) e Moreno (2016), mas ainda assim com ampla necessidade de exploração (CRUZ E DIAS, 2015).

A insurgência deste pólo opositor fica evidente se considerarmos a história de nossa civilização, na qual os homens apresentam uma posição privilegiada em termos de detenção de poder, tanto no aspecto social quanto no econômico, fato que per se implica em um controle sobre as mulheres, manifestado em diversas dinâmicas e esferas sociais (CRUZ, 2005 *apud* CRUZ E DIAS, 2015). A partir do momento em que as mulheres dirigem-se ao espaço público para reivindicar maior igualdade, manifesta-se um movimento reativo de resistência e contenção que visa dificultar a “promoção de igualdade entre os gêneros e o fortalecimento da cidadania feminina” (CRUZ E DIAS, 2015). Este movimento apresenta-se e atua em variadas intensidades, nem sempre atuando de maneira frontal, a ponto de negar diretamente o direito à igualdade, mas muitas vezes apresentando um discurso sutil que visa desmoralizar o movimento feminista, “classificando suas protagonistas como puritanas ou moralistas” (CRUZ E DIAS, 2015)

O antifeminismo, analisado sob esta perspectiva, demonstra uma indisposição para repensar as estruturas da sociedade e classifica-se como "(...) expressão de uma reação às influências da globalização e do pluralismo" (CRUZ E DIAS, 2015), em que imperam a falta de respeito às diferenças ou a própria falta de reconhecimento das mesmas, de modo a tornar latente a recusa a qualquer tipo de comunicação ou diálogo entre as partes. De acordo com tais autores, esse tipo de conduta violenta reitera as relações sociais da diferença, revelando-se por sua vez, heranças seculares e fundamentalistas.

Nesta configuração, apresentam-se conflitos de ordem afetiva e discursiva, podendo ser interpretados à luz de diversas teorias comunicacionais, tais como: a semiótica tensiva e das paixões, a análise do discurso e as teorias do acontecimento. A correlação destas vertentes com o objeto será introduzida ao longo do trabalho, a datar das referências teóricas escolhidas e justifica, por sua vez, a pertinência e potencial contribuição do tema escolhido para o campo da comunicação e semiótica.

Assim sendo, o objeto desta pesquisa pode ser tematizado como: "os discursos antifeministas". Com a finalidade de melhor compreendê-lo, circunscrevemos-lo em um universo de pesquisa e delimitamos a questão primordial que buscamos responder com esta dissertação: De que maneira se apresentam os movimentos antifeministas nas páginas do *Facebook* e quais contratos comunicacionais são propostos aos seus destinatários? Considerando esta dinâmica, que temas e figuras constituem as narrativas antifeministas e que percursos passionais se estabelecem em tais narrativas?

A partir dessa questão, depreendemos que o principal objetivo deste trabalho torna-se o de analisar os posts ligados às páginas antifeministas e, para tanto, deverão ser examinadas, em cada capítulo, as seguintes problemáticas:

- Capítulo 1. Compreender o desenvolvimento do antifeminismo a partir de uma contextualização histórica.
- Capítulo 2. Analisar o discurso antifeminista em páginas da rede social *Facebook*, mapeando seus principais agentes e pautando a análise pela reação deste movimento aos principais eventos e acontecimentos feministas.

- Capítulo 3. Averiguar quais são os contratos de comunicação propostos nas páginas antifeministas, seus respectivos temas e figuras, bem como os percursos narrativos e passionais lá construídos.

Como tópicos que instigaram a elaboração desta pesquisa, apresentamos algumas hipóteses, as quais propomos classificar como fundadas ou infundadas em nossas conclusões finais:

1. Tendo em vista que a retórica da família tradicional brasileira, amparada pelo Estado e pela Igreja se fortalece em um presente momento de crise econômica e polarizações políticas no país, consideramos que o discurso antifeminista contemporâneo é amparado pelos movimentos tradicionalistas de direita e encontra um cenário favorável à medida em que este pólo se faz presente na política e na opinião pública.
2. O discurso antifeminista negligencia as pautas do feminismo, partindo da premissa de que o movimento busca a supressão e a inferiorização do masculino e que certas conquistas de igualdade de gênero não são frutos da luta feminista.
3. O feminismo enquanto movimento apresenta diversas ramificações e frentes heterogêneas entre si, de modo que os antifeministas se apropriam de alguns de seus discursos específicos, cuja abordagem é mais radical e/ou impactante para a sociedade, a fim de classificar o feminismo como um todo representado por essas frentes, com a intenção de desmoralizá-lo e deslegitimá-lo.

Para o *corpus* desta pesquisa, selecionamos como escopo principal 19 páginas da rede social Facebook, cujo discurso é, de modos específicos, antagonista ao feminismo. Nessa rede social, o movimento antifeminista organiza-se em páginas, atravessadas por discursos totalizados a partir de diversos pontos focais (ou nodais) sobre a rejeição ao feminismo, como mulheres contra o feminismo, homens contra o feminismo, defensores do machismo, defensores dos valores da família tradicional brasileira e assim por diante. Utilizando o recurso dialógico da memetização, que para Ivana Bentes (2017) resume a prática discursiva viralizante, apresentando o poder de potencializar discursos ideológicos; as postagens, quase sempre constituídas por imagens, (sejam elas de produção própria ou compartilhadas de outras páginas de mesmo intuito) enunciam discursos e notícias não necessariamente fundamentados.

Nosso critério para seleção de conteúdo nestas páginas está pautado pelos principais eventos e acontecimentos relacionados ao feminismo, cuja repercussão foi representativa o suficiente por parte das feministas (tanto em manifestações virtuais quanto presenciais), ao ponto de provocar reação antagonista por parte das antifeministas. Essas reações adversas aos acontecimentos feministas estão contempladas neste *corpus* pelas manifestações identificadas e catalogadas nas páginas apresentadas.

Como critério temporal para a escolha destes eventos, consideramos o intervalo de 2014 a 2017, tendo em vista os sentidos que o movimento adquiriu nesse intermédio em um ambiente virtual cuja profusão de ideias, debates e conflitos torna possível a riqueza de material para nossa pesquisa. Como critério de seleção geográfica do *corpus*, abordaremos apenas o âmbito nacional, visando a inserção do recorte em um contexto de conflitos políticos e econômicos no país cuja abordagem tensiva de Zilberberg (2002) nos permite considerar que exercem influência sobre nosso objeto de estudo tanto no aspecto intensivo (que diz respeito aos percursos passionais), quanto extensivo (que diz respeito aos efeitos discursivos emergentes do acontecimento).

A pesquisa bibliográfica dividir-se-á em quatro principais eixos: 1) antifeminismo e estudos de gênero; 2) análise do discurso e teorias complementares; 3) cibercultura e 4) análise das extremidades: O primeiro item, antifeminismo e estudos de gênero, será alicerçado nas teorias de autores como Judith Butler, Mary Hawkesworth, Clare Hemmings, Jerome Himmelstein, Ronee Schreiber, Rita Terezinha Schmidt, e Rachel Soihet. Segundamente, a fim de compreender a Análise do Discurso, exploraremos as teorias de David Howarth, Aletta Norvak, Yannis Stavrakakis, Ernesto Laclau e Chantal Mouffe. Como dialéticas complementares à compreensão do discurso, trazemos os conceitos de contratos comunicacionais analisados por Fabrino Mendonça, além da semiótica tensiva e das paixões à luz de Claude Zilberberg, Aidar Prado, Algirdas Greimas e Jacques Fontanille. Para atender ao terceiro eixo metodológico, circunscrevemos alguns estudos a respeito de consumo midiático, cultura digital e ciberativismo cunhados por autores como Elizabeth Saad Corrêa, Adriana do Amaral Leme, Lucia Santaella, Marco Aurélio Nogueira e Raquel Recuero. Por

fim, propomos as teorias de Christine Mello para realizar um exame conclusivo das extremidades.

Adicionaremos também a exposição dos principais recursos teóricos que serão utilizados nessa dissertação, apresentando a especificação metodológica da ordem dos processos, como segue:

- Fazer uma pesquisa bibliográfica do histórico do movimento antifeminista e buscar compreender as imbricações socioculturais atuantes em sua construção.
- Documentar as práticas antifeministas distribuídas no ambiente virtual baseadas no material recolhido, traçar um histórico do movimento antifeminista pautado pelos acontecimentos e eventos feministas que receberam maior reatividade antagônica.
- A partir dos eventos identificados, mapear os pontos nodais do discurso antifeminista.
- Realizar uma análise híbrida do material recolhido utilizando as teorias do discurso e das extremidades.



## CAPÍTULO 1: A CENA ANTAGONISTA

### **O antifeminismo**

Para o sociólogo norte americano Jerome Himmelstein (1986) os antifeministas podem ser classificados, em linhas gerais, como os opositores da ERA (*Equal Rights Amendment*) e dos direitos ao aborto, ambos temas que ganharam repercussão no final dos anos 70 e início dos anos 80. A definição apresenta-se coerente e prossegue como diretriz classificatória para pesquisadores atuais, como afirma Ronee Schreiber, (professora de ciência política na Universidade Estadual de São Diego) em um capítulo a respeito do antifeminismo, publicado no *The Oxford Handbook of U.S. Women's Social Movement Activism*, em 2017.

No texto em questão, a pesquisadora postula que, nos Estados Unidos, o antifeminismo feminino começou a tomar forma a partir de uma reação ao surgimento dos movimentos sufragistas. Em 1868 foi registrado o primeiro protesto antissufragista em Massachussets, no qual as participantes lutavam contra o direito do voto feminino. Embora não tenha obtido grandes resultados, à medida que o movimento sufragista tornava-se representativo, também era registrada a reatividade das mulheres conservadoras.

Naturalmente, esse grupo de mulheres começou a se organizar em movimentos como o NAOWS (National Association Opposed to Woman Suffrage). Liderado por Josephine Dodge e fundado em 1911, estendia suas atividades a 25 estados norte-americanos e contava com mais de 350 mil membras, em sua grande maioria brancas com maridos conceituados na política e/ou indústria. As participantes alegavam que o sufrágio atrapalharia os privilégios do *status* feminino, além de sobrecarregá-las com deveres alheios às funções familiares primordiais.

No entanto, o próprio ato de militar a respeito dessas questões acabava por desviar as mulheres de suas obrigações tradicionais, gerando um conflito mitigado por uma ressignificação de seus espaços de fala, transferidos da esfera política para a educacional,

para tanto, as membras do NAOWS buscavam transferir seus espaços de militância para o ambiente tipicamente privado e familiar, conferindo assim um tom de disciplina e instrução ao seu ativismo. De acordo com Schreiber, Os NAOWS acabaram por fracassar, à medida que não possuíam uma estratégia de coordenação suficiente em termos nacionais, embora representassem uma apropriação feminina (ainda que rudimentar para os padrões contemporâneos) do espaço político e econômico dominado pelos homens.

Desde essa fase embrionária, o ativismo antifeminista vem se desdobrando em diversas frentes, heterogêneas entre si, porém, independentemente de quais sejam os propósitos, retóricas e abordagens particulares de cada coletivo feminino antifeminista, é possível identificar, em traços gerais, o repúdio ao feminismo enquanto movimento radical que ameaça relações de gênero e papéis sociais pré-estabelecidos. Esse argumento parte da premissa de que a cultura deva ser pautada pelas diferenças sociais e biológicas entre homens e mulheres. Assim, nota-se nos princípios antifeministas um forte apelo à designação do papel maternal como um dever primordial de toda mulher, contrariamente ao ativismo político, a autonomia e o empoderamento típicos do feminismo, que desviam as mulheres deste dado papel “fundamental” de cuidadoras da família.

É possível neste aspecto, introduzir o segundo evento que polarizou homens e mulheres em relação à sua adesão ou repúdio aos fatores em questão, utilizado pelos acadêmicos supracitados como critério de pertencimento ao ativismo antifeminista: A ERA, ou Emenda dos Direitos Iguais. Embora a movimentação em direção à igualdade de direitos tenha surgido nos Estados Unidos em 1923, ela apenas tomou força na década de 70, quando de fato foi proposta uma emenda visando proteger cidadãos da discriminação sexual. Apesar de suas prospecções se mostrarem favoráveis, com aprovação de diversos estados e do público, a emenda não foi ratificada no prazo proposto (inclusive foi postergado de 7 a 10 anos).

A barragem da ERA em primeira instância deve-se em grande parte ao ativismo feminino antifeminista. Embora possa parecer contraintuitivo que mulheres se opusessem à proteção contra a discriminação de seu gênero, o contexto político e a ansiedade das mudanças políticas e sociais da época levaram a um crescimento exponencial de movimentos

conservadores. O fato de haver mulheres contrárias à ERA conferia muito mais legitimidade à causa, pois uma fala do próprio gênero que seria beneficiado pela emenda alegando oposição, adicionava mais impacto do que a fala do gênero masculino, já em posição privilegiada.

Ainda de acordo com Schreiber (2017), a ERA surgiu em um contexto no qual os direitos civis, feministas e homossexuais conquistavam notadamente seu espaço, assim, barreiras e hierarquias sociais consideradas estabelecidas, passaram a ser desafiadas e isso instalou uma grande ansiedade nas mulheres conservadoras. Os debates acerca da ERA pautavam-se nas questões do significado da feminilidade e nos papéis de gênero, gerando um embate entre as mulheres que favoreciam a família heterossexual tradicional e as que desejavam destruir as visões essencialistas da mulher.

Para as antifeministas, a ERA representava apenas uma porta de entrada para mudanças muito mais catastróficas e que possibilitariam que os homens (instintivamente imorais) se isentassem de suas responsabilidades com a família e a mulher. Uma forte defensora desse argumento era Phyllis Schlafly, uma das mais atuantes antifeministas, a fundadora do fórum conservador Eagle e da campanha STOP ERA:

A maioria dos maridos sustenta suas esposas por causa de amor, mas a alta taxa de divórcios prova que muitos maridos não amam suas mulheres. Amor pode esvair-se pela janela, mas a obrigação permanece, assim como os filhos. A ERA removeria essa obrigação. (SCHLAFLY, 1973 *apud* SCHREIBER, 2017)

Os argumentos anti ERA atingiram mulheres predominantemente mais vulneráveis aos homens no aspecto financeiro: fosse pelo fato de serem donas de casa em tempo integral, possuírem cargos de menor prestígio, menor renda ou menor nível educacional. A retórica do homem desertor do lar e suas obrigações financeiras reverberava neste grupo, ao ponto das ativistas apropriarem-se do argumento de que a ERA privaria as donas de casa de um de seus direitos legais mais básicos e preciosos: o de ser uma protetora da família em tempo integral.

As ativistas antifeministas alegavam também que as feministas eram infelizes, miseráveis e desiludidas e não representavam todas as mulheres. Fazendo isso, tentavam construir uma imagem da mulher conservadora como mais capacitada e mentalmente estruturada para falar sobre os interesses femininos. A questão étnica também foi fundamental na visão feminina sobre a ERA, já que (tanto em homens quanto em mulheres) o apoio era muito maior nas etnias não-caucasianas. De acordo com Schreiber (2017), isso se dá devido à identificação das minorias com a retórica dos direitos iguais.

A partir desse estopim inicial dos questionamentos dos papéis de gênero e da estrutura familiar tradicional, desenrolaram-se outras pautas relevantes ao embate entre feministas e antifeministas perpetuados até os dias atuais. É imprescindível mencionarmos a questão da legalização do aborto: nos Estados Unidos, o movimento pró-vida adquiriu força como um agente contrário à legalização do aborto, no final dos anos 1960, a fim de desafiar vitórias legais conquistadas pelo movimento feminista da época. Atualmente, as mulheres são maioria entre os ativistas pró-vida e têm exercem um papel fundamental em relação a esse movimento desde a sua origem. Muitas das atuais organizações pró-vida são lideradas por mulheres e advogam pela limitação legal do acesso ao aborto ou para torná-lo ilegal. Elas também se opõem aos fundos federais de organizações de planejamento familiar e de suporte a mães solo.

Muitas organizações conservadoras femininas mobilizadas acerca de diversas pautas também exploram os temas do aborto e da santidade da vida, utilizando um recurso argumentativo semelhante ao explorado nos movimentos feministas: o empoderamento no que diz respeito a oferecer informação e apoio estrutural à mulher grávida. As antifeministas pró-vida apostam em uma abordagem que utiliza a similaridade do gênero para estabelecer um elo comum com aquelas em dúvida sobre o aborto. De acordo com a autora, estudos referentes a mulheres trabalhando em centros de apoio à gravidez inesperada (que buscam incentivar as mulheres a não abortarem)<sup>5</sup> apontam que “o essencialismo e a consciência de gênero” (SCHREIBER, 2017, P. 324) são fatores exclusivos, conferindo às mulheres pró-vida um poder maior de legitimidade no que diz

---

<sup>5</sup> KELLY, K. 2012. “In the Name of the Mother: Renegotiating Conservative Women’s Authority in the Crisis Pregnancy Center Movement” *Signs* 38(1): 203-230.

respeito às opiniões alheias sobre o que a mulher grávida deve ou não fazer com seu próprio corpo.

Portanto, o reativismo antiabortivo proposto por mulheres demonstra que um grupo do gênero feminino pode ser contra o aborto, não obstante para as feministas este ato represente a desapropriação do próprio corpo e das liberdades de gênero existentes e conquistadas. Isso ocorre pois o raciocínio das antifeministas pró-vida é também baseado na questão da preservação do bem estar físico e psicológico da mulher. A cartilha “Abortion: The Impacts and Risks” (2015)<sup>6</sup>, disponibilizada pela organização pró-vida *Concerned Women For America* alega que o aborto pode provocar nas mulheres diversos males como riscos cirúrgicos, aumento da chance de desenvolver câncer de mama (Link ABC), disfunções sexuais, complicações psiquiátricas, entre outros efeitos negativos envolvendo também (mas não exclusivamente) questões religiosas.

Esse tipo de argumentação, focado na prosperidade física e mental da mulher pode ser bem sucedido, à medida que pretende alcançar as indecisas sobre abortar ou não, com a finalidade de demonstrar que não estão sendo atacadas ou julgadas. A intenção com essa abordagem, é que as mulheres indecisas tornem-se mais abertas à comunicação com as ativistas pró-vida, assim abrindo-se para receber informações sobre os riscos do aborto e sobre o aporte que lhes será oferecido para que mantenham a gravidez.

Para Schreiber (2017), essa mudança de foco argumentativo contribui para que a causa pró vida se mostre mais humanista, pois o discurso religioso e focado no bem estar do feto homologa um discurso preocupado com a saúde feminina pode ressoar positivamente para quem tenha decidido abortar ou venha a decidir. O movimento feminista argumenta a datar do redirecionamento da atenção do feto para a saúde da mãe há muitos anos, e o fato do movimento antifeminista utilizar de lógica argumentativa similar, permite que ambos os grupos propaguem discursos baseados nos interesses da mulher. Assim, essa mudança de ponto de vista torna-se extremamente conveniente para as conservadoras, ao passo que não

---

<sup>6</sup> Disponível em: [http://concernedwomen.org/wp-content/uploads/2015/04/CWA\\_Abortion-the-Impact-and-Risks.pdf](http://concernedwomen.org/wp-content/uploads/2015/04/CWA_Abortion-the-Impact-and-Risks.pdf). Acesso em 21 de Dezembro de 2017.

configura uma narrativa destoante com seus propósitos religiosos, além de coexistir e expandir os argumentos conservadores acerca do aborto.

### **Conflitos Socioculturais**

É possível identificar que as frentes antifeministas aqui apresentada atuam enquanto movimento ideológico, pois atuam de acordo com um campo sistemático de representações e de normas condicionadas a conhecer e agir. (CHAUÍ, p.3, 1986). De acordo com a autora, estes códigos de conduta, típicos do discurso ideológico, buscam anular diferenças existentes entre campos sociais em um movimento de:

(...) engendrar uma lógica de identificação que unifique o pensamento, linguagem e realidade para, através dessa lógica, obter a identificação de todos os sujeitos sociais com uma imagem particular universalizada, isto é, a imagem da classe dominante (CHAUÍ, p. 3, 1986)

É importante observar que essa busca pela similaridade e auto identificação existe em qualquer tipo de movimento social, e não necessariamente segue uma linha autoritária. Podemos facilmente postular quais são os preceitos feministas tanto quanto antifeministas e isso se deve ao fato de ambos prescreverem-se à lógica ideológica. Porém, percebemos também que quando se trata especificamente do discurso antifeminista, é perceptível a busca pela supressão de diferenças naturais à sociedade. De acordo com Chauí:

A prática e o discurso dominantes estão encarregados de criar em todos os membros da sociedade o sentimento de que fazem parte dela da mesma maneira e que a contradição não existe (...) Contudo, visto que não é exatamente dessa maneira que as coisas se passam na realidade, a imposição de um mesmo *corpus* de representações e de normas à sociedade exige que os dominantes pensem e ajam autoritariamente para que o embute ganhe foros de verdade. (CHAUÍ, p. 42, 1986)

Esse tipo de discurso apoia-se em diversos mecanismos reguladores, legisladores e hierarquizados. Os ditos mecanismos, possuem a função de ditar o que é ou deixa de ser real, necessário, normal, bom e lícito. E estabelecem, com a ajuda de instituições como Pátria, Família, Empresa, Escola, Estado (CHAUÍ, p. 10, 1986) os valores atribuídos como comuns.

Para Chauí (1986), o discurso dominante se propaga com a ajuda de nomeados detentores da autoridade, ou seja, figuras modelo que traduzem seus valores e são responsáveis por propagá-los em suas respectivas esferas de convivência. Tais como o pai, o professor, o patrão e o governante carregam consigo a legitimidade da subordinação e “um conjunto de referenciais seguros fixados no passado e cuja obra era continuada pelo presente e acabada no futuro”(CHAUÍ, p. 22, 1986).

Considerando a questão da sociedade hierarquizada, percebemos a existência de certas parcelas, aqui encaradas como elites (CHAUÍ, p. 40, 1986) detentoras do poder de ditar o padrão cultural único e válido, segregando os não titulares ao acesso a esse padrão, atuando de maneira autoritária e invalidando qualquer tipo de cultura não relacionada ao seu conjunto de ideais. Pensando nas figuras representativas dos princípios elitistas, percebemos a dominância do homem de alto poder aquisitivo, fiel à igreja, chefe de família e provedor do lar, e entendemos que isso automaticamente subjuga qualquer existência não concernente desse pacote, como a da mulher, dos pobres, dos homossexuais e dos não-religiosos.

A partir desse entendimento, os teóricos que estudam os mecanismos de dominância das elites, passam a tentar compreender suas motivações específicas e buscam identificar quais instituições e conjuntos de ideias ajudam a corroborar com a manutenção destes valores. Isto posto, justificamos a utilização das teorias do autor Jerome Himmelstein, cuja pesquisa aborda a questão do conservadorismo de classes sociais dominantes e envereda especificamente na compreensão do antifeminismo enquanto recurso hegemônico do poder<sup>7</sup>.

De acordo com Himmelstein (1986), é possível identificar duas teorias que ganharam aderência, a respeito dos motivos do antifeminismo ter se proliferado na sociedade: a primeira aplica-se aos homens e mulheres, e defende o apelo deste movimento majoritariamente em sociedades de status socioeconômicos desfavorecidos, comunidades rurais ou coletivos que assumem posturas conservadoras diante de algumas questões. Assim, estes grupos podem ser encarados como uma base de massa para movimentos de direita. Segundo essa teoria, as classes sociais mais desgastadas são conservadoras, pois possuem menos instrução e estão

---

<sup>7</sup> Disponível em: <https://www.amherst.edu/people/facstaff/jlhimmelstei>. Acesso em 06 de Abril de 2017.

mais vulneráveis aos efeitos da mudança sociocultural. Sendo assim, o antifeminismo nessa visão, pode ser encarado como uma resposta ao status de ansiedade, imposto por essa temida mudança, ou ainda pode ser encarado como parte de um padrão pós industrial de política.

A segunda teoria antifeminista interposta nos ambientes acadêmicos, à época em que o autor fez sua pesquisa, concerne às mulheres e analisa o antifeminismo como mais passível de proliferação entre mulheres mais dependentes dos homens. Isso acontece porque medidas liberais como o aborto tendem a ameaçar a única segurança que elas possuem: seu lugar na família e no casamento. Enquanto as mulheres bem sucedidas economicamente e com um senso forte de realização e competência pessoal são atraídas em direção aos movimentos feministas, as mulheres com poucos recursos materiais e baixo senso de realização são atraídas para o antifeminismo. Para essas mulheres, a família tradicional e o papel materno representam não uma ferramenta de opressão de gênero, tampouco um lugar de paz e harmonia, mas sim um elo dos filhos como uma barreira protetora para as mulheres contra agressão física e moral dos próprios maridos, por exemplo.

Para Himmelstein (1986), ambas teorias estão, no entanto, parcialmente corretas. Pois o que o autor concluiu com seu estudo diferencia antifeministas de feministas no âmbito das assunções culturais a respeito da importância da família e da rede de relacionamentos desenvolvidos na esfera privada para a felicidade e segurança das mulheres. Ambas as teorias das quais partiu o questionamento do autor reduzem essas diferenças culturais a diferenças nas estruturas sociais e na experiência pessoal, como o próprio explica: “a cultura possui um grau muito maior de autonomia do que ambas as teorias suspeitam” (HIMMELSTEIN, 1986, p. 2).

Ora, se o fator econômico e a dependência feminina não podem ser considerados como fatores decisivos para a instauração do antifeminismo, qual seria uma característica sociocultural mais impactante? De acordo com as pesquisas<sup>8</sup> consideradas por Himmelstein em seu estudo, o que de fato estabelece influência sobre as antifeministas e as pró feministas é o

---

<sup>8</sup> Diversos os estudos acerca de ativistas anti-aborto e anti-ERA nos Estados Unidos que estavam disponíveis à época, foram realizados pelos seguintes autores: GRANBERG, 1989; GRANBERG & DENNEY, 1982; LUKER, 1984; Arrington & Kyle, 1978, Brady & Tedin, 1976; Tedin et al., 1977 e 1978; Mueller & Dimieri (1982) e Deutchman & Prince-Embury, 1982.

envolvimento religioso, mensurado pela frequência com que vão à igreja: as oponentes à ERA e ao aborto vão muito mais à igreja do que aquelas são pró aborto e direitos iguais<sup>9</sup>. A religiosidade, independentemente da doutrina, exerce um efeito poderoso sobre a conduta dos indivíduos. Não apenas em questões concernentes ao exercício da fé, mas nos ditos quesitos culturais.

Os indivíduos religiosos foram identificados por Himmelstein como sistematicamente diferentes dos não-religiosos e isso ocorre pois, naturalmente, existe entre eles um impulso de munir seu círculo social de pessoas portadoras dos mesmos ideais, formando assim, ao redor de si mesmos, uma rede de pessoas também religiosas. Esta redoma pode sustentar condutas específicas, no que diz respeito também aos posicionamentos políticos, para o autor:

O envolvimento religioso não é um fator isolado. Ele resulta de, reforça e indica todo um padrão de interação. Ainda que sejam em outros aspectos similares no que tange à condição sociocultural, idade, residência ou qualquer outra característica social, os mais religiosos são mais inclinados a diferir dramaticamente dos menos religiosos no que tange a redes interpessoais e conseqüentemente, à cultura (HIMMELSTEIN, 1986, p. 8 , tradução da autora)

Assim, compreendemos a religiosidade não como fator isolado, pois resulta de todo um padrão de interação ao mesmo tempo que o reforça. Portanto, ainda que possuam fatores comuns com os não religiosos como nível de escolaridade, idade e classe social, os religiosos tendem a diferir dramaticamente no aspecto de redes interpessoais. Assim sendo, desenvolvem características que os diferenciam a partir do convívio social e as experiências culturais que dele decorrem.

Himmelstein (1986, p.8) busca fundamentar nessa conclusão um estabelecimento dos principais motivos que tornam os religiosos desfavoráveis à ERA e ao aborto, destacando dois deles: o primeiro é que a interação social somente na esfera religiosa os mantém imersos em uma cultura enviesada da mulher somente na posição tradicional de mãe e cuidadora do lar, o que torna impossível associá-la ao aborto e à libertação sexual por exemplo. O segundo é, estando constantemente imersos nas ditas tramas sociais restritas, os indivíduos religiosos acabam tornando-se vulneráveis aos movimentos aliciadores nesses ambientes.

---

<sup>9</sup> Estes resultados foram identificados em todos os estudos considerados na pesquisa.

A respeito dessa busca de movimentos por agregar novos membros, é importante observar que o recrutamento anti e pró feminismo é muito distinto. Os movimentos pró costumam abordar mulheres na esfera pública, seja em organizações políticas, como coletivos ou em seu universo de trabalho, de modo que ao convergirem com essas esferas, as mulheres entrem em contato com estes esforços. Já os movimentos anti recrutam por meio da igreja ou da comunidade de bairro que embora sejam ambientes direcionados à vivência coletiva, acabam por receber participantes que possuem muitas condições em comum (como condição socioeconômica da região em que moram ou crenças religiosas) e que o autor julga como sendo típicas da esfera privada (HIMMELSTEIN, 1896, p.8). As mulheres enraizadas nesse ambiente e orientadas para a relação com o núcleo familiar, apresentam-se muito mais expostas aos ideais anti e deste modo tendem a aderir ou apenas concordar com estes movimentos.

De um modo geral, Himmelstein (1986) busca apresentar o argumento de que os indivíduos mais abertos a um movimento não são os mais deslocados socialmente, como as teorias da sociedade de massa alegavam, mas sim aqueles socialmente integrados, como defendem as teorias de mobilização de recursos. As afinidades políticas e econômicas dos indivíduos não necessariamente possuem relação com suas posições em relação ao aborto e a ERA. O que de fato exerce grande influência sobre seus posicionamentos, no caso dos que desaprovam a ERA e o aborto, são os princípios conservadores acerca da família e da moral. Sendo assim, os fatores que apresentam maior influência nos posicionamentos sobre a negação do direito ao aborto correlacionam-se diretamente com um conservadorismo em diversas questões pessoais: os opositores ao aborto têm mais possibilidade de se obster ao sexo pré marital e homossexual, a leis flexíveis acerca do divórcio, à eutanásia, à legalização da maconha e ao controle de natalidade.

O norteador constante nas condutas destes indivíduos nada mais é do que a oposição à demasiada autonomia individual, à liberdade e aderência às restrições impostas pelos papéis e normas tradicionais, como aqueles da família e da religião, além do repúdio à ênfase na autodeterminação e autorrealização. Isso ocorre porque algumas dessas liberdades ameaçam diretamente a imposição existente entre sexualidade, reprodução, casamento e criação de

filhos, o que torna essa preocupação conservadora diretamente relacionada aos limites e desejos pessoais e íntimos de cada um.

Transferindo o foco da proposição anterior para as mulheres antifeministas e retomando a questão da família como proteção, depreendemos que as mulheres contrárias à emancipação feminina vivem em um mundo de vulnerabilidade e dependência em relação à figura masculina e paterna, no qual encontram defesa e abrigo na família (mais especificamente nos filhos) e em suas relações interpessoais com outras mulheres também portadoras dos laços comunitários e familiares. Sendo assim, tudo o que ameace essas proteções, direta ou indiretamente, instaurando uma ordem não orientada para a família, aparece para essas mulheres como perigoso e danoso.

A ERA ameaça isso, pois retira da mulher o privilégio de ser sustentada pelo homem e a insere forçadamente em um mundo de trabalho dominado por homens e valores masculinos, enquanto o ambiente familiar é propiciado e cultivado pela mulher. Já o aborto representa (para as mulheres conservadoras) ameaça à família, pois ele alarga os laços entre sexualidade e reprodutibilidade, afrouxando as possibilidades legítimas de reivindicação da mulher sobre o homem, no que diz respeito ao comprometimento do progenitor ao papel paterno e de provedor da família. Deste modo, entendemos que tudo reivindicado pelo feminismo acaba por enfraquecer os privilégios concedidos às mulheres na esfera pessoal.

É possível depreender que tanto os homens quanto as mulheres contrários ao aborto e à ERA agem em função de fatores culturais, carregando em seu imaginário a figura da mulher dependente, vulnerável e muito atrelada à esfera privada, alinhando esse posicionamento coerentemente com a busca de permanência na esfera pessoal. Já as mulheres que partilham de uma cultura na qual a figura feminina é representada como potente, autossuficiente e igual ao homem, têm mais chance de apoiar medidas que substanciam essa imagem (mesmo elas próprias não sendo autossuficientes, pois trata-se de um fator cultural e não particular).

Por fim, é relevante complementar que a intenção dessa comparação é a de deixar claro que as opiniões a respeito do aborto e do ERA, especialmente para as mulheres, não dependem de interesse pessoal e de circunstâncias particulares, mas sim de valores tradicionais impostos e

juízos coletivos. Assim, com essa observação, finalizamos nossa contextualização acerca do antifeminismo na esfera norte-americana, escrito primordialmente com a função de justificar o critério cultural como principal actante na difusão deste posicionamento.

No âmbito nacional, este fio condutor cultural também pode ser identificado, tendo em vista que a complexidade dos fatores conjugados na articulação do antifeminismo brasileiro muito diz respeito à uma cultura enraizada nas elites, consolidada à medida que o país se desenvolvia social e economicamente. Apresentamos esse cenário com base nos estudos da teórica literária e linguista Rita Terezinha Schmidt (2006). Para a pesquisadora, a cultura brasileira foi talhada pelas relações materiais de produção e materialização de um pensamento patriarcal e senhorial, sustentando assim relações de poder misóginas e racistas. A datar dessa configuração, imbricam-se os interesses de classe, gênero e raça que nos permitem compreender a força instituída do simulacro da família patriarcal e suas hierarquias de poder, não só em esfera privada, como também na pública.

Nesse modelo familiar, encontramos historicamente a figura masculina exercendo papéis concêntricos: o de senhor das terras, acumulando representatividade paterna e de homem em si, de modo que o protagonismo da mulher não só na família, mas na sociedade como um todo, torna-se subalterno. Essa organização paternalista social é uma herança da época da escravidão cuja ordem senhorial já não mais prevalece, entretanto a base da estrutura econômico-social calcada na exploração colonial sim, e atualmente é representada por uma ordem liderada pelas classes dominantes. Desse modo, a ideologia patriarcal predominou-se e tonificou-se, sendo disseminada em todas as esferas do convívio social, graças à dinâmica da reiteração do simulacro familiar:

(...) o poder absoluto do senhor, homem livre, dono de escravos, chefe da família, coronel e chefe político cujas ações decisórias se articulavam através de um sistema de clientelismo, de preferências pessoais e de troca de favores, uma rede de manipulações que reforçou a sua posição hegemônica, controlou a mobilidade social através de relações de dependência e subserviência – de mulheres, classes subalternas e minorias étnicas (SCHMIDT, 2006, p. 774)

Com o declínio da elite e a ascensão da burguesia, esse cenário alterou-se para as configurações da civilização moderna que valoriza a liberdade, cidadania e direitos civis. Neste contexto, o complexo de relações características da sociedade brasileira, com suas formas arcaicas de exploração do trabalhador e no latifúndio e suas conseqüentes mazelas e opressões, persistem como “signos dos preconceitos que permeiam toda a sociedade.” (SCHMIDT, p.775, 2006). Portanto, depreendemos que a família patriarcal atua como origem da subordinação da mulher brasileira, e sua persistência propicia a manutenção da imposição dos papéis de gênero, bem como de heterossexualidade. Assim, a família patriarcal ainda permanece nutrida como sustentáculo da ordem moral e política, pautando, portanto, as condutas ideais, em todos os aspectos do convívio social, incluindo as condutas sexuais aceitas, muito ainda influenciadas pelos dogmas da Igreja e do Estado.

O que nos leva novamente a um dos pontos nodais concernente ao embate feminista e antifeminista: o aborto. Diferentemente do cenário estadunidense, o Estado brasileiro possui uma postura criminalizadora do aborto, imbricada na sacramentação da vida, amparada pela retórica supracitada, representada unicamente como reprodução de hegemonias instauradoras de um controle simbólico do campo material e social, onde são construídas as próprias identidades.

Deste modo, a formação da identidade nacional não pode ser considerada em termos dissociados de uma conjuntura histórica na qual existiram processos de colonização, territorialização, missões de civilização e questões de ordem ritualística que englobam violência. O resultado é um Estado escravocrata, autoritário e oligárquico, dominado por uma elite econômica e cultural com agenda hegemônica e sem propostas contemplativas às minorias no âmbito político.

A perspectiva elitista patriarcal e soberana reina nas relações de poder e produção material formuladas e ordenadas pelas estruturas simbólico-discursivas, determinantes da subjetividade e sociabilidade e, por conseqüência, delineadoras do funcionamento político e institucional do país. Cabe àquele que busca compreender o contexto histórico antifeminista, bem como os propósitos do movimento, reconhecer a consolidação dessa elite, na hierarquização das diferenças de gênero, etnia e classe.

De acordo com o cientista político e antropológico Luiz Eduardo Soares (1998) a discriminação social e de gênero é um elemento que continua a surpreender por sua resistência e intensificação em relação ao feminismo. Embora existam diversos coletivos militantes, líderes intelectuais e políticos, até a própria esquerda se presta a diversos entraves a fim de dificultar a ampliação dos direitos e o protagonismo da mulher: “Feminismo é freqüentemente objeto de pilhéria e seus temas são muitas vezes tratados de forma jocosa.” (SOARES, 1998, p. 219. *apud* SCHMIDT, 2006, p.772)

Isto posto, podemos apresentar diversas ocasiões e cenários em que o antifeminismo prevaleceu como retórica, “nos mais diversos círculos letrados do país” (SCHMIDT, 2006, p.765). Via de regra, o feminismo é atrelado a movimentos datados e radicais de mulheres, universalizando a figura feminista como extremista e masculinizada. O destaque de algumas características não representativas da totalidade do movimento é utilizado a fim de sustentar uma retórica para advogar determinadas agendas culturais e políticas.

Além de explorarem a condensação de um todo em uma só característica ou em um pequeno grupo delas para descrever um grupo, parcelas da sociedade “surpreendentemente também na esfera institucional de produção de conhecimento – na academia, mais precisamente –, onde se dissemina em discursos reducionistas, de conotação pejorativa e preconceituosa” (SCHMIDT, 2006, p. 766) fazem também uso do que Butler (1997) define por recurso interpelativo, quando, por exemplo, realizam interpretações enviesadas de citações da teoria feminista, fazendo uso de repetições com o intuito de ratificar o poder do enunciado e reafirmar a posição do falante como agente de um discurso performativo. Assim, são conferidas às palavras práticas significantes que não apenas dizem algo, mas constroem modos de agir e pensar através desse ato.

O recurso do protagonismo feminino com o propósito de legitimar um discurso antifeminista, utilizado pelas fundadoras do NAOWS por exemplo, também pode ser percebido se considerarmos o grande sucesso da intelectual estadunidense Camille Paglia na década de 90. A pesquisadora que defende uma reforma feminista e encara os homens como uma nova e oprimida minoria, não obteve notável prestígio em seu país de origem (principalmente entre

as teóricas feministas), porém no Brasil, recebeu grande destaque na mídia e considerada referência para a elite letrada brasileira, como por exemplo o jornal *Folha de S. Paulo*.<sup>10</sup>

De acordo com Schmidt (2006) “Camille Paglia granjeou uma fama repentina no Brasil, sendo elevada à condição de ícone pop star como a feminista ‘modernosa’, a antifeminista e a pós-feminista.” (p. 771, 2006) e isso se deu graças ao discurso enfático acerca da necessidade da reestruturação do feminismo em direção a um movimento que não se resumisse mais à pregação do ódio aos homens. Essa retórica foi deveras conveniente para os segmentos midiáticos e intelectuais conservadores de elite, ao passo que trazia uma mulher auto-proclamada feminista criticando a imposição do estado “politicamente correto”, bem como o feminismo acadêmico da época.

Importar Camille Paglia para ridicularizar o feminismo teve efeitos duradouros na memória brasileira, tanto que ainda hoje é considerada uma das mulheres que deram importante contribuição ao feminismo no Brasil e no mundo (...) (SCHMIDT, 2006, p. 772).

Os ditos segmentos detentores de influência da elite conservadora, não se restringem ao universo dos acadêmicos. Aqueles que possuíam posições influentes e, portanto, pautavam e contribuía para a reprodução do repúdio ao feminismo como conduta publicamente aceita, podiam ser encontrados também na esfera midiática, produzindo e reproduzindo conteúdo antifeminista. Para tanto, a utilização dos discursos cômicos “e/ou da palavra espirituosa como arma” (SOIHET, p. 593, 2005) com a finalidade de inferiorizar a agenda feminista foi um recurso vastamente explorado. De acordo com a historiadora Rachel Soihet (2005), o uso da sátira ideológica, de caráter moralizante e hierarquizante mostrou-se conveniente às elites burguesas quando queriam tratar da ridicularização da luta pela desconstrução dos papéis de gênero e da sexualidade feminina. O jornal *O Pasquim*, publicado pela primeira vez em junho de 1969, é apresentado pela autora como um perfeito exemplo de um conteúdo produzido pela burguesia libertária e contra a ditadura militar, porém, paradoxalmente misógino.

Este, assim como outros veículos midiáticos alternativos da época, obtiveram referência nos levantes subversivos da década de 60, em que houve uma mobilização juvenil contra a

---

<sup>10</sup> De acordo com SCHMIDT (2006, p.772), entre 1994 e 2000, o nome de Paglia foi citado 105 vezes no jornal em questão.

repressão e o controle ostensivo por conta das instituições, bem como o descontentamento com os valores cultivados na época, tanto por parte do movimento capitalista, quanto do movimento socialista. À esta década, formou-se um levante utopista em prol de um novo mundo, iniciado nos Estados Unidos, mas proliferado intensamente em outras partes do mundo, inclusive na América Latina. Este sonho libertário, almejava através de novas concepções político-culturais, uma conciliação de justiça social, liberdade, arte e vida, emergindo no fenômeno da contracultura.

Com esse movimento, vieram as mudanças nos processos criativos artísticos, literários, performativos e audiovisuais, bem como nos comportamentos individuais e atuações políticas, tais quais a luta dos negros norte-americanos por direitos civis, os protestos pacíficos contra a guerra do vietnã e, por fim, a revolução feminista. No Brasil, esse movimento encontrou-se minado pela ditadura militar, que passou a governar após o golpe de 1964. “Dentre as várias modalidades de luta contra o regime, destacou-se o empenho de alguns em opor-se a ele, através da ridicularização” (SOIHET, 2005, p. 594).

Neste contexto surge portanto o jornal *O Pasquim*, que, apesar de sua inspiração na contracultura norte-americana de combate ao autoritarismo e às estruturas sociais sedimentares, apresentava uma postura fortemente antifeminista que focalizava paradoxalmente a mulher que lutava por seus direitos como objeto de chacota, evidenciando o desprezo por atitudes consideradas inadequadas à feminilidade e relações de gênero estabelecidas.

As atitudes desprezadas pelos publicadores d’*O Pasquim* diziam respeito às reivindicações feministas da época, pela destruição de dominações estruturais expressas nas relações da vida da mulher, sejam elas pública, privada ou política, além das críticas aos padrões patriarcais de família e das condutas que reforçavam estereótipos femininos como a maternidade compulsória, a beleza e delicadeza normativas, etc. Assim, o jornal e seus articulistas ditos subversivos, assumiam uma postura retrógrada ao ridicularizarem e solidificarem estereótipos contra as temidas “feministas”, retratando em suas pautas uma mulher feia, desprovida de inteligência (ou perigosamente inteligente demais), inconsequente, transgressora e que buscava exercer papéis considerados privativos dos homens. “Não poucas matérias registram

tais ‘qualidades’ das feministas, o que aproxima os libertários desse jornal do momento da contracultura dos misóginos de outras épocas” (SOIHET, p.595, 2005)

Nota-se portanto um padrão entre as associações antifeministas aqui apresentadas, visto que utilizam dentro das estruturas de poder, recursos discursivos como a repetição seletiva de textos feministas pelos intelectuais ou a ressignificação de ideais e conceitos da teoria pelos autores d’*O Pasquim*, a fim de provocar um efeito depreciativo na coesão teórica. Além do mero deboche ou rebaixamento, esses grupos buscam interpelar com tais recursos, os sujeitos para o idealismo normativo das estruturas de poder vigentes. De acordo com a teórica feminista e de gênero Judith Butler (1997), os indivíduos são constantemente interpelados por ideologias, ou seja, atribuídos a papéis, sejam eles benignos ou malignos. As interpelações são suposições, direcionadas ao sujeito e a partir do momento em que ele não as ignora ou nega e as reconhece, elas tornam-se elementos que constituem sua subjetividade.

A interpelação porém, não apresenta o resultado necessariamente desejado, tendo em vista que nem sempre coloca em prática o que nomeia, pois o sujeito pode reagir a ela de maneira a enfraquecê-la em vez de reiterá-la. Butler, tanto em *Excitable Speech* (1997) quanto em *Psychic Life of Power* (1997), explora o argumento de que os atos de desobediência devem se dar no interior das próprias estruturas da lei, e uma reação que abale determinada interpelação, nada mais é do que um exemplo dessa agência. Um sujeito opositor à determinada construção, simultaneamente apoia-se nela e age com base no fato de estar inserido nas estruturas de poder às quais tenta se obstar.

Butler (1997) nomeia essa conduta como “violação habilitante” e argumenta que os sujeitos estão implicados nas estruturas de poder, mas não necessariamente estão subordinados à lei, a partir do momento em que podem também ser habilitados por ela. Assim, dentro dos próprios sistemas legislados, aqueles que percebem incoerências na estrutura podem exercer determinada agência subversiva, como é o caso do protagonismo do NAOWS como um movimento político organizado por mulheres em uma época que este feito era inédito e, embora fosse um movimento antifeminista, não deixava de ser um movimento ruptor das estruturas de poder do período, ainda que o fizesse de maneira socialmente aprazível aos homens. Para Butler (1997), no entanto, é difícil desassociar os discursos subversivos das

estruturas de poder às quais eles se opõem, tendo em vista a subversão implicada no próprio discurso da lei.

Existe para a autora uma grande ambivalência no impulso de descentralização partindo de um sujeito, pois sua fala pode ser facilmente expropriada, modificada e deformada, como é o caso do movimento elitista intelectual apresentado com sua apropriação e ressignificação pejorativa do feminismo. A impossibilidade da mulher ser plenamente reconhecida nos termos pelos quais se descreve deve-se ao fato do falar feminino estar diretamente subordinado ao falar de um estranho, tendo em vista que se dá através de uma linguagem imposta e talhada pelas estruturas dominantes (machistas) de poder, e que, por esse motivo, não expressa plenamente a mensagem que a mulher necessita transmitir, mas sim a expropria no seu próprio interior.

Assim, em seus diversos estágios, o levante feminista seguiu buscando fatores e características coerentes, embora a plena expressão estivesse, principalmente em seu estágio inicial, distante e inacessível. Para fins interpretativos, o movimento é dividido em fases que evidenciam a transição e evolução de suas prioridades. As protagonistas previamente representadas, que lutavam pela destruição dos estereótipos da mulher subordinada pela família patriarcal, mãe, delicada, virgem até o casamento e destituída do poder sobre sua sexualidade, podem ser classificadas como organizadoras de um levante embrionário do feminismo, característico da década de 60, de acordo com a teórica feminista Clare Hemmings (2009).

Essa preocupação com a identidade da figura da feminista se estendeu também à década seguinte, na qual havia uma preocupação com unidade e semelhança da mensagem transmitida pelo movimento. Já em um segundo momento, correspondente à década de 80, a afirmação da identidade feminista não só estava comprovada, como já efervescia a busca pela diversidade dentro do próprio movimento. Essa procura pela diversidade evoluiu na fragmentação e evidenciou as diferenças existentes no próprio feminismo, conflito que desenvolveu-se na década seguinte. Assim, é possível compreender uma transição do pensamento incipiente radical, socialista e liberal para uma teoria pós-moderna, buscando compreender o gênero em si.

A mudança, que parte dos anos 70, ingênuos e essencialistas, para a crítica do feminismo negro e da 'guerra dos sexos' dos anos 80, e daí para os anos 90 da 'diferença' e além, mapeia a estória como progresso para além das categorias e identidades falsamente delimitadas (HEMMINGS, 2009, p.216).

Essa transição compreende uma divisão feita por diversos acadêmicos, classificada em três ondas do feminismo, sendo a primeira onda a fase mais rudimentar do movimento, partindo para uma era politizada e unificada, passando pela entrada na academia nos anos 80, e finalmente para a fragmentação em múltiplos feminismos e carreiras individuais, classificada por diversas teóricas feministas como Judith Stacey, Frances Mascia-Lees e Patricia Sharpe como pós-feminismo.

A mais recente era feminista é também a mais analisada, debatida e polêmica, com um número crescente de mulheres acadêmicas envolvidas nos estudos do seu gênero e em debates internos distanciados das mobilizações feministas fora da academia, obtendo assim uma configuração paradoxal. De acordo com as pesquisas da teórica feminista e de gênero Mary Hawkesworth (2006), apesar do movimento feminista ter o objetivo de reforçar as liberdades individuais da mulher, ele também reivindica uma ação para o reconhecimento da unidade feminina, solicitando assim, além de uma conscientização neste aspecto, um movimento para a eliminação dos papéis de gênero.

Encontrando-se em um estágio paradoxal e complexo, rodeado de discursos pós-modernistas na academia, juntamente com questionamentos acerca de questões identitárias e sobre as diferenças, esse feminismo acaba por condensar a alegoria pós-moderna de fragmentação e desamparo, gerando repulsa em uma sociedade na qual impera o discurso da auto-ajuda e as intervenções terapêuticas e determinadas condutas que as feministas buscam apontar como machistas acabam sendo encaradas como questões psicológicas de vitimização masculina. Assim, as tentativas de suplantarem o feminismo acabam sendo encaradas por alguns como nostálgicas e ingênuas.

O feminismo passa a ser retratado por diversos jornalistas, acadêmicos e até algumas acadêmicas como morto, ainda que seu crescimento exponencial do movimento em múltiplas frentes e o aumento de sua representatividade na mídia e nas pautas cotidianas das redes sociais estabeleça a evidência da ebulição de debates e busca por ressignificações e estabelecimentos de novos consensos. Diversos autores que enxergam através dessa concepção do feminismo como impopular e fragmentado, buscam inclusive contribuir com propostas consideradas uma configuração mais adequada para o movimento.

Nicholas Davidson (1988) em seu livro *The Failure of Feminism* sugere um novo feminismo com uma configuração que deixa de suprimir aqueles divergentes da figura de uma mulher politizada e independente como protagonista solo do feminismo. Nesta interpretação, o autor define como pós-feminismo aquele movimento incluso na participação cooperativa de diversos grupos sociais, como mulheres religiosas e conservadoras e também homens. Este movimento não é, de acordo com Davidson, regressivo ao feminismo, mas sim visa ir além dele:

A Era Pós-feminista também engajará milhões de jovens mulheres solteiras em revolta contra as expectativas unisexistas que encontram. Mas, diferente da Era Feminista, incluirá a participação cooperativa de todos os grupos sociais. De fato, é difícil pensar em um único grupo maior, cujos interesses não se oponham aos da ortodoxia feminista: mulheres femininas diminuídas pela desvalorização feminista do feminino; mulheres ambiciosas inferiorizadas pela politização feminista de conquista pessoal; todos os homens; crianças – em suma, a grande maioria das pessoas; de forma que a dissipação prematura da perspectiva feminista como uma força social significativa começa a parecer não apenas possível, mas provável. (DAVIDSON, 1988, p. 337 *apud* HAWKESWORTH, 2006, p. 743)

A representação de Davidson (1988) acerca da mulher feminista e sua concepção do movimento em geral se prova deveras negativa e enfraquecedora para diversas estudiosas do assunto, como por exemplo Tania Modleski (1991) que considera a proposta de Davidson um ato de negação e enfraquecimento do feminismo, enquanto esses indivíduos se apropriam de termos da análise feminista sob o disfarce de estudarem relações de gênero, eles sutilmente se

levam novamente ao cerne das análises e sugerem que as mulheres são relevantes para seu interesse, mediante alguma relação e influência sobre os homens.

Para Modleski (1991), a redução da atuação feminista à igualdade perante a lei executada por esse grupo, suprime e elimina as questões de assimetria do poder que permeiam as relações sociais. A autora apelida esses acadêmicos de “ginocidas feministas” (MODLESKY, 1992, p.4), termo utilizado com a ideia de deslizamento entre genocídio e ginecologia, visto que utiliza o feminismo como um canal até o campo mais inclusivo de estudos de gênero, campo este não mais julgado da maneira que deveria ser em relação às contribuições dadas pelo campo feminista, bem como à ajuda que pode oferecer na iluminação de causas, efeitos, extensão e limites do domínio masculino.

Assim os considerados pós feministas, fazem uso de um modo analítico que subverte o movimento feminista, realizando uma eliminação simbólica do movimento. O relato alegórico da morte de um movimento por meio de veículos midiáticos e protagonistas de uma comunidade representa o que Hawkesworth (2006) identifica como perigo a ser eliminado. A comunidade se define através daqueles que simbolicamente escolhem para matar. O enterro retórico do feminismo é de fato uma tentativa contínua de minar as lutas femininas por justiça social, ou seja, um exemplo de antifeminismo.

Esse trabalho busca evidenciar, a partir dos exemplos e da contextualização apresentados até este momento é o ponto cabal do antifeminismo existente como movimento reativo negativo ao empoderamento, à conquista de direitos e à libertação feminina das estruturas patriarcais e arcaicas. Esteja essa conduta representada na busca retórica por subvertê-lo ou ainda em falas e manifestações literalmente postas: em ambos os casos, os sujeitos reagentes, através do uso da linguagem em diversas plataformas, armam ambientes cognitivos antagonistas ao feminismo. E a partir do discurso, estes indivíduos materializam seus valores e conhecimentos enquanto sujeitos sociais.

Muitas vezes esse discurso pode ser constituído a partir de fragmentos de informação, tornando-se um apanhado de signos linguísticos e proposições. Seja por motivos subversivos, didáticos, de efeito ou outrem, determinada mensagem fragmentada ou simplificada pode ser

acolhida como verossímil e "verdade cristalizada", e pode vir a ser uma ferramenta de afirmação do *status quo* e de derrisão, mecanismo linguístico-discursivo desqualificador e derogatório associado ao humor e agressividade/crítica (BARONAS e SIQUERI 2006) apenas remetendo os enunciados aos fatos, intencionalmente criando paródias e paráfrases de linguagem simples e fácil assimilação.

Esse fenômeno classifica o que a comunicóloga Ivana Bentes (2017) define por era da pós-verdade e do pós-fato, na qual a verdade não é de fato falsificada ou contestada, mas sim de importância secundária. Isso se deve pelo simples ato da enunciação e circulação massiva de um fato ou ideal não necessariamente legítimo, acabando por torná-lo realidade. Considerando portanto a união da apropriação do conteúdo de forma massiva por não-especialistas com a experimentação de novas práticas dialógicas, nitidamente presentes na dinâmica das redes, é possível identificar os fatores que influem no surgimento do processo de memetização.

Os memes gerados como práticas discursivas viralizantes possuem o poder de potencializar os discursos, sejam eles de caráter enaltecedor ou derogativo, estes são recheados de ignorância, desinformação, crenças populares e subculturais, humor e ironia. Assim, evidenciam o fato de que existe uma necessidade iminente no ser humano de derrotar, humilhar e desqualificar pessoas, grupos ou correntes ideológicas a fim de reafirmar suas próprias visões de mundo. A análise e apresentação de fatos assume um papel secundário, enquanto a dinâmica dos regimes da pós-verdade reforça preconceitos e sentimentos irracionais.

Nos espaços intersticiais das redes sociais na internet existentes entre o público e o privado e o *on* e o *offline* (SANTAELLA, 2016) a memetização é posta em efervescência por meio da pluralização, contaminação e compartilhamento. É possível portanto considerar os memes como produtos do regime de sentidos das extremidades no aspecto compreendido pela pesquisadora Christine Mello (2004), posto que sublimam os limites e fronteiras em seu ato de viralização e contaminação, evidenciando e colocando em destaque crises e situações limítrofes e provocando atravessamentos entre as esferas sociais e as linguagens midiáticas.

O antifeminismo, que nada mais é do que o discurso diametralmente oposto ao feminismo, no universo das redes sociais, organiza-se em páginas comunitárias ou *fanpages*, subdivididas em diversos pontos focais sobre a rejeição ao feminismo, como mulheres contra o feminismo, homens contra o feminismo, defensores do machismo, defensores dos valores da família tradicional brasileira dentre outros. Estabelecemos a partir dessa linha argumentativa, o objetivo dissertativo de traçar uma trajetória antifeminista partindo dos próprios acontecimentos feministas que causaram descontentamento e desconforto para a sociedade fundamentalista nestas páginas, enquanto representam para este grupo uma quebra de limites e fronteiras, desestruturando de alguma forma seus modos de vida considerados válidos, causando assim uma reação cognitiva defensiva, representada por reafirmações do ortodoxo.

## CAPÍTULO 2: AS PÁGINAS ANTIFEMINISTAS NO FACEBOOK

Com o intuito de tornar o estudo do antifeminismo aplicável à contemporaneidade, escolhemos uma análise aplicada às páginas ou *Fanpages* provenientes da rede social *Facebook*. Antes de trazer breves definições acerca da plataforma e sua funcionalidade em questão, devemos justificar a importância de pensar na mutabilidade de todo objeto de pesquisa partícipe do universo digital e também na impossibilidade de pensar contextos comunicacionais na atualidade em dissociação com o universo digital e seus dispositivos, tendo em vista que os mesmos, de acordo com Saad e Carlan, “alteram suas instâncias de produção, distribuição e consumo.” (SAAD E CARLAN, p. 164, 2017)

De acordo com a pesquisa PNAD Contínua (Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios) realizada pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) em fevereiro de 2018, o *Facebook* é o maior site de rede social ativo nacional e mundialmente, com a marca global de 2,2 bilhões de usuários mensais (ou seja, com frequência minimamente mensal de utilização) e 116 milhões somente no Brasil. Este número em escala nacional, representa cerca de 65% da população com 10 anos ou mais na ocasião da realização da pesquisa<sup>11</sup>. Posta essa questão, temos a rede social *Facebook* como escolha de meio digital mais representativa em termos quantitativos para análises comunicacionais. De acordo com Recuero:

Os sites de rede social tiveram um impacto profundo no cotidiano das pessoas, alterando a forma como se relacionam, constroem e percebem valores e mesmo como constroem significados e sentidos. Eles não apenas refletem essas redes, mas influenciam sua construção e com isso, os fluxos de informação que circulam nesses grupos (RECUERO, p. 242, 2013)

À medida que existe este movimento de retroalimentação entre a construção das redes e a geração de sentidos, o *Facebook* apresenta-se como uma plataforma ideal para o estudo dos percursos passionais e discursivos do antifeminismo na contemporaneidade. O *Facebook*, ainda segundo Recuero (2009) pode ser entendido como um site de rede social, o que

---

<sup>11</sup> Disponível em <https://www1.folha.uol.com.br/tec/2018/07/facebook-chega-a-127-milhoes-de-usuarios-mensais-no-brasil.shtml>. Acesso em 10 de Junho de 2018.

significa ter como principal foco a “exposição pública das redes conectadas aos atores, ou seja, cuja finalidade está relacionada à publicização dessas redes” (RECUERO, p. 102, 2009). Nesses sites, cada indivíduo possui um perfil e há espaços específicos para a divulgação de suas conexões, por exemplo, as páginas ou *fanpages*.

Conforme definição disponibilizada pela própria plataforma, as *fanpages* ou páginas <sup>12</sup>

São destinadas às marcas, empresas, organizações e figuras públicas, para que possam criar uma presença no Facebook, enquanto os perfis representam indivíduos. Qualquer pessoa que tiver uma conta poderá criar uma página ou ajudar a administrar uma se receber uma função na página, como administrador ou editor. As pessoas que curtirem uma Página e os amigos delas poderão receber atualizações em seus Feeds de Notícias. <sup>13</sup>

Em nosso objeto de estudo, propomos apresentar brevemente cada uma das páginas selecionadas para o *corpus* desta análise, para posteriormente podermos mapear suas principais vertentes tratativas e definir seus pontos nodais. Para tanto, utilizaremos como mecanismo de busca, o software de código aberto *Facepager*, que permite uma busca de qualquer informação publicamente disponível no Facebook (ou qualquer outro site com API baseado em JSON) e armazenada em planilhas no formato CSV<sup>14</sup>. O software oferece diversos critérios de busca como palavras chave e período de publicação.

Para a pesquisa em questão, realizamos a coleta de dados em um grupo de páginas antifeministas que permanecem ativas no Facebook até o momento desta redação, circunscrevendo nossa busca em curtos períodos próximos dos principais eventos relevantes para o feminismo (ocorridos entre o intervalo dos anos 2014-2017), originando uma reação negativa nos grupos antifeministas. Com isso, será possível identificar as principais vertentes temáticas abordadas nos grupos antifeministas, de modo a dar início à análise mais minuciosa com base em teorias que serão apresentadas no capítulo seguinte.

---

<sup>12</sup> que aqui serão denominadas páginas, conforme a terminologia utilizada pelo Facebook Brasil.

<sup>13</sup> Disponível em: [https://www.facebook.com/help/282489752085908/?helpref=hc\\_fnav](https://www.facebook.com/help/282489752085908/?helpref=hc_fnav). Acesso em 05 de Agosto de 2017.

<sup>14</sup> Disponível em: <https://github.com/strohne/Facepager>. Acesso em 05 de Agosto de 2017.

Os principais critérios de escolha das páginas se restringem à frequência de postagem e ao número de curtidas. A frequência de atividade no Facebook deve ser suficiente para uma coleta de dados no intervalo proposto nessa análise e o número de curtidas deve ser significativo a ponto de representar interação frequente dos usuários com a página, realimentando, deste modo, a produção de conteúdo e a interação transmidiática. Um fator que deve ser apontado como prejudicial à coleta contínua de dados no intervalo sugerido é que muitas das páginas estão em suas reedições, pois já foram tiradas do ar devido a denúncias de usuários contrários ao seu conteúdo. Essas denúncias são analisadas e acatadas ou refutadas conforme os padrões considerados “discurso de ódio” pela rede social, podendo ser considerado passível de interpretação pessoal, destarte muitas das páginas consigam permanecer em atividade:

Conteúdos que ataquem pessoas com base em sua raça, etnia, nacionalidade, religião, sexo, gênero ou identidade de gênero, orientação sexual, deficiência ou doença, sejam elas reais ou presumidas, não são permitidos. No entanto, permitimos tentativas claras de piadas ou sátiras que não tenham caráter de ameaças ou ataques. Isso inclui conteúdo que muitas pessoas possam considerar de mau gosto (por exemplo, piadas, comédia stand-up, certas letras de músicas populares etc.).<sup>15</sup>

Com a finalidade de mapear os eventos significativos para o movimento feminista que geraram reações antagonistas em nosso objeto de estudo, julgamos pertinente nos restringir, a princípio, a uma análise mais minuciosa do conteúdo compartilhado por 3 principais páginas dentre as 19 previamente apresentadas. O critério de seleção das *fanpages* em questão, segue duas diretrizes respectivamente apresentadas em ordem de prioridade: 1- quantidade de seguidores e 2 - frequência média de postagem igual ou maior do que uma por mês.

Além disso, naturalmente, as páginas escolhidas devem mostrar-se ativas durante toda a duração de nosso intervalo de análise, ou seja 2014 a 2017, a fim de possibilitar a coleta de material referente a todo o período proposto. A intenção de todos esses critérios e condições para a seleção e coleta de dados é proporcionar a compreensão de um panorama temático mais completo e legítimo referente ao conteúdo compartilhado pela maioria dos antifeministas.

---

<sup>15</sup> Descrição fornecida pelo Facebook. Disponível em: [https://www.facebook.com/help/135402139904490?helpref=uf\\_permalink](https://www.facebook.com/help/135402139904490?helpref=uf_permalink). Acesso em Abril de 2018

Além disso, nosso recorte possibilita que, após compreensão dos dados coletados, cruzemos as pautas em comum que porventura venham a aparecer nas postagens dessas páginas.

Reunidas essas informações ao modo qualitativo, será possível traçar uma linha do tempo pautada pelos eventos que porventura surjam nas pautas em questão e posteriormente realizar uma busca de dados através do software anteriormente apresentado, nas datas próximas aos eventos encontrados e em todas as páginas sugeridas. Esta busca terá por finalidade cartografar os temas abordados em todas as páginas, tornando possível a identificação dos pontos focais ou nodais existentes em nosso objeto de estudo.

Uma vez estipulados nossos critérios de escolha, bem como a metodologia a ser utilizada neste capítulo analítico, apresentamos as páginas escolhidas para nosso corpus:

Tabela 1: Lista das páginas antifeministas constituintes do corpus desta pesquisa

Nome da página	facebook.com/	Data de Criação	Nº de Curtidas <sup>16</sup>	Descrição (fornecida pelos criadores)
Mulheres Contra o Feminismo	<a href="https://www.facebook.com/MulheresContraoFeminismo">MulheresContraoFeminismo</a>	Maior de 2012	48.154	“Mulheres e Homens contra o feminismo”
Anti Feminismo	Anti-Feminismo-451215471712605	Maior de 2015	105.742	“O feminismo é a solução de uma mulher mal resolvida em atribuir seus problemas a aqueles que não lhe dão atenção”
Anti-Feminismo	<a href="https://www.facebook.com/antifeminismo01">@antifeminismo01</a>	Fevereiro de 2013	61.349	“Todo feminismo acaba com o primeiro pneu furado.”
Moça, não sou obrigada a ser feminista 4	<a href="https://www.facebook.com/forafeminismo4">@forafeminismo4</a>	Junho de 2015	37.251	“Página derivada da original "Moça, não sou obrigado ser feminista": <a href="https://www.facebook.com/forafeminismo2">facebook.com/forafeminismo2</a> ”
Homenismo	<a href="https://www.facebook.com/homenismo">@homenismo</a>	Agosto de 2013	20.782	“A história da humanidade é a história da opressão do homem pela mulher.”

<sup>16</sup> Número de curtidas relativo à data de elaboração desta tabela: Abril de 2018.

Homens Contra o Feminismo	<a href="#">@homenscontraofeminismo</a>	Dezembro de 2015	9.313	“Página criada para refutar, exclusivamente, todas as argumentações feministas.”
A Voice for Men - em Português.	<a href="#">@DireitosdosHomenseMeninos</a>	Novembro de 2011	17.978	“Direitos dos Homens e Meninos são Direitos Humanos.”
Moça, você é vitimista 2	<a href="#">@mocavoceevitimista2</a>	Mai de 2014	27.265	“Em resposta às besteiras divulgadas na Internet que seduzem os menos informados e alimentam a discórdia. Esta página visa ser sua completa antítese.”
Machismo é amor	<a href="#">@machismoeamor</a>	Dezembro de 2013	9.636	“O Machismo é lindo. Machismo significa heroísmo, coragem e compaixão. Somos machistas quando lutamos contra a tirania e contra a opressão.”
Orgulho de ser hétero	<a href="#">@OrgulhodeserHetero</a>	Dezembro 2016	1.417.841	“Página Oficial do Blog Orgulho Hétero.”
Moça, você é marxista	<a href="#">@VanguardaDoAtiraso</a>	Outubro de 2013	17.793	“Moça, você é marxista.”
Feminismo aqui Não	<a href="#">@feminismoaquinao</a>	Outubro de 2015	4.835	“Feminismo aqui Não”
Anti-Feminismo da Opressão	Anti-Feminismo-da-Opressão-791704737594351/	Agosto de 2015	2.675	“Página de direita conservadora, contra a esquerda e militantes esquerdistas. E principalmente contra as feministas!”
Garotas Direitas	<a href="#">@asgarotasdireitas</a>	Junho de 2013	34.688	“Página oficial do blog Garotas Direitas. <a href="http://www.garotasdireitas.com.br">www.garotasdireitas.com.br</a> ”
Garota Reação 2.0	<a href="#">@garotareaca2</a>	Novembro de 2015	8.384	“Sou reacionária. Minha reação é contra tudo que não presta”.  E se a página cair, nascem mais infinitas... Porque a opressão não pode parar!!! ;*”

Garota Conservadora	<a href="#"><u>@gconservadora</u></a>	Agosto de 2016	1.177.928	“A página é para damas e cavalheiros que defendem o conservadorismo, o objetivo principal é orientar moças a buscarem a feminilidade”
Mulheres Clássicas	<a href="#"><u>@mulheresclassic</u></a> <a href="#"><u>as</u></a>	Outubro 2013	8.271	“A verdadeira beleza feminina está na virtude.”
Mulheres Inteligentes	<a href="#"><u>@mulher.mulher.i</u></a> <a href="#"><u>nteligente</u></a>	Março de 2013	18.041	“A Mulher Inteligente não devota sua vida a futilidades, deseja para si um modelo mais alto e sublime cujo este mundo moderno e imoral não pode oferecer.”
Lado Direito da Equidade	<a href="#"><u>@Lado.Direito.da</u></a> <a href="#"><u>Equidade</u></a>	Outubro de 2015	12.804	“O objetivo do LDE é mostrar as iniquidades sofridas por homens e meninos, tipicamente negadas ou até mesmo causadas pelo lobby feminista.”

Assim sendo, identificamos as três páginas que se adequam ao nosso critério como sendo: Anti-Feminismo<sup>17</sup>, Mulheres contra o feminismo<sup>18</sup> e Mulheres inteligentes<sup>19</sup>. As páginas em questão possuem linhas argumentativas diferenciadas entre si, evidenciadas por seus próprios nomes, mas que poderão ser melhor compreendidas e exemplificadas ao longo de nossa análise extensiva do conteúdo por elas compartilhado. Com isso, buscamos comprovar nosso argumento de que o antifeminismo, conforme contextualizado no capítulo anterior, segue disseminado a partir de diversos coletivos, cada qual com razões exclusivas para desaprovar o movimento feminista, embora em diversos aspectos apresentam pontos de congruência em termos de valores defendidos. Esse aspecto se mostrou latente quando percebemos muitas das imagens compartilhadas pelas páginas serem as mesmas em determinadas ocasiões.

<sup>17</sup> Disponível em: <https://www.facebook.com/antifeminismo01/#>. Acesso em 01 de Janeiro de 2017.

<sup>18</sup> Disponível em: <https://www.facebook.com/MulheresContraoFeminismo/#>. Acesso em 01 de Janeiro de 2017.

<sup>19</sup> Disponível em: <https://www.facebook.com/mulher.mulher.inteligente/#>. Acesso em 01 de Janeiro de 2017.

Iniciaremos então com a exposição da página Anti-Feminismo que, dentre as três é a que possui mais seguidores, o que julgamos estar relacionado ao fato de não ter linhas muito bem definidas no que diz respeito ao seu direcionamento. Ou seja, não defende o antifeminismo a partir de prismas específicos. A página, criada em 2013, é a única que compartilha tanto o ponto de vista masculino quanto feminino, além de possuir postagens com tom muito conservador e religioso, bem como postagens com cunho apenas jocoso e por vezes de baixo calão, denotando variedade em sua composição.

Em linhas gerais, identificamos posts das seguintes vertentes temáticas: deboche às feministas, defesa da família tradicional e valores cristãos, comparações entre feministas e machistas ou homens e mulheres e alguns raciocínios considerados lógicos pelos membros, para comprovar a falta de coerência no feminismo. Apresentamos a seguir, respectivamente, alguns posts que exemplificam essas vertentes temáticas:



Figura 1: Post da página Anti-Feminismo que exemplifica a vertente temática do deboche<sup>20</sup>

---

<sup>20</sup> Disponível em:  
<https://www.facebook.com/antifeminismo01/photos/a.558836090807608.128431.558832067474677/558836094140941/?type=3&theater>. Acesso em 05 Agosto de 2017.



Figura 2: Post da página Anti-Feminismo que exemplifica a vertente temática da moral cristã e valor da família tradicional<sup>21</sup>



Figura 3: Post da página Anti-Feminismo exemplificando a vertente temática de comparação entre exageros do machismo e feminismo, colocando as mulheres feministas no mesmo patamar dos homens machistas<sup>22</sup>

<sup>21</sup> Disponível em:

<https://www.facebook.com/antifeminismo01/photos/a.558836090807608.128431.558832067474677/752082674816281/?type=3&theater>. Acesso em 07 Agosto de 2017.

<sup>22</sup> Disponível em:

<https://www.facebook.com/antifeminismo01/photos/a.558836090807608.128431.558832067474677/1015581578466388/?type=3&theater/>. Acesso em 10 de Agosto de 2017.



Figura 4: Post da página Anti-Feminismo que exemplifica a vertente temática de raciocínios lógicos para desmerecer o argumento feminista<sup>23</sup>

Apesar dos posts em questão não estarem diretamente relacionados a eventos específicos do feminismo, mas sim com linhas argumentativas abordadas na página como um todo, no momento em que realizamos nossa busca pautada na cronologia dos eventos feministas identificamos vertentes apresentadas também transparecem diversas vezes, como por exemplo neste post zombando do mote utilizado para um protesto feminista “Não mereço ser estuprada.” Podemos perceber no post em questão o alinhamento de duas das linhas argumentativas previamente apresentadas: a primeira, do deboche, com a intenção de retirar relevância do protesto feminista em questão, e a segunda, de busca de comparativo lógico, desmoralizando destarte o argumento desse protesto:

<sup>23</sup> Disponível em: <https://www.facebook.com/antifeminismo01/photos/a.558836090807608.128431.558832067474677/1196978046993406/?type=3&theater>. Acesso em 10 de Agosto de 2017.

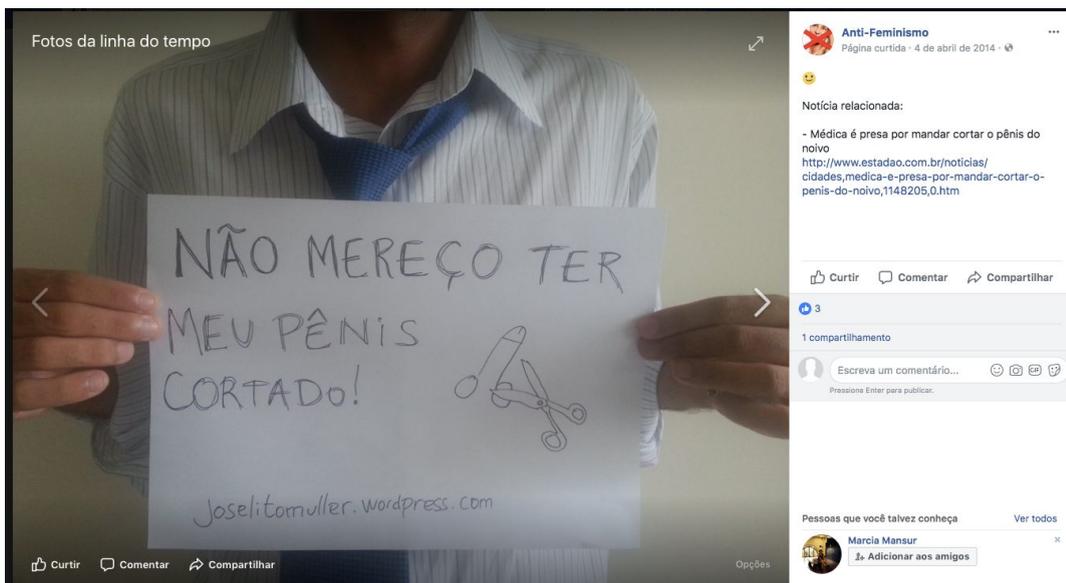


Figura 5: Post da página Anti-Feminismo de 2014<sup>24</sup>

Exemplificado a maneira que a página se apresenta e transmite suas mensagens para o público, podemos neste momento apresentar a coleção completa de eventos feministas que receberam sua atenção e desaprovação, observando sempre a relevância conferida à página a cada evento diretamente relacionado aos princípios para os quais advoga, determinados em todo o conteúdo compartilhado. Para melhor visualização da sucessão de eventos identificados, consideramos pertinente sua disposição como segue:

---

<sup>24</sup> Disponível em:  
<https://www.facebook.com/antifeminismo01/photos/a.558836090807608.128431.558832067474677/760825357275346/?type=3&theater>. Acesso em 12 de Setembro de 2017

Tabela 2: Eventos reativos ao feminismo em ordem cronológica da página Anti-feminismo

2014	2015	2016	2017
Não mereço ser estuprada	Redação do ENEM	Divulgação Nota do Enem 2015	Protestos contra o governo majoritariamente masculino de Temer
Marcha mundial das mulheres	Revoltas contra Cunha - PL 5069	Revolta Short Curto nas escolas	Sucesso de Pablo vitar - Desconstrução de gênero
Marcha das Vadias	Operação Lava-Jato/ Governo Dilma	#soufeministaporque	
Vagão Rosa		Dia das Mulheres	
		Discurso de Lula - “mulher do grelo duro”	
		Bela Recatada e do Lar	
		Protestos contra a cultura do estupro	
		Lei do descanso para mulheres no trabalho	
		#PrecisamosFalarSobreAborto	
		Loja de móveis Alezzia	

Dentre os eventos apresentados, identificamos graus de reatividade diversos e os metrificamos em escalas consideradas de grau baixo até alto de reatividade. Nossa intenção com essa

seleção é tornar a linha de tempo dos acontecimentos gerais mais coesa e representativa do movimento antifeminista no Facebook como um todo, abordando apenas eventos que receberam média a alta reatividade ou foram abordados por mais de uma página. Deste modo, fomos contemplados com o seguinte diagrama representativo:

Tabela 3: Níveis de reatividade dos eventos apresentados na tabela 2

	(1 post)	(2 - 4 posts)	(5 ou mais posts)
Não mereço ser estuprada			
Marcha mundial das mulheres			
Marcha das Vadias			
Vagão Rosa			
Redação do ENEM			
Revoltas contra Cunha - PL 5069			
Operação Lava-Jato/ Governo Dilma			
Divulgação Nota do Enem 2015			
Revolta Short Curto nas escolas			
#soufeministaporque			
Dia das Mulheres			
Discurso de Lula - mulher do grelo duro			
Bela Recatada e do Lar			
Protestos contra a cultura do estupro			
Lei do descanso para mulheres no trabalho			
#PrecisamosFalarSobreAborto			
Loja de móveis Alezzia			
Protestos contra o governo majoritariamente masculino de Temer			
Sucesso de Pabllo vittar - Desconstrução de gênero			

Apresentada nossa primeira e mais abrangente página, seguimos para a segunda, nesta o foco é um grupo mais seletivo dentre os antifeministas, como o próprio nome representa. Mulheres Contra o Feminismo não é apenas uma página no Facebook: possui também um perfil na rede social Twitter<sup>25</sup> e um site externo, no qual são disponibilizados artigos de opinião, escritos por envolvidos na produção de conteúdo da página. O grupo visa, diversas vezes, associar seus posts a algum dos artigos disponibilizados no site, buscando explorar o argumento apresentado de modo mais completo, com auxílio de notícias, postagens do Facebook de envolvidos no tema em questão, imagens e vídeos. Analisando a descrição que as fundadoras do site disponibilizam, entendemos que o coletivo “Mulheres Contra o Feminismo” apresenta um perfil mais didático e organizado em prol de uma militância:

“Somos um grupo de mulheres que decidiram escrever esse blog e divulgamos algo que as pessoas pensam não existir: mulheres que querem combater o feminismo. Somos completamente contra esse movimento que não nos representa. Não nos sentimos representadas por tais mulheres e suas ideologias extremistas que encaram o homem como inimigo mortal, entre outras teorias malucas todas maquiadas com a “igualdade, liberdade e de que feministas sempre foram tolerantes com as pessoas”. Iremos desmascarar estas e outras mentiras feministas.

O feminismo da teoria, que é na verdade uma propaganda mentirosa, é completamente diferente do feminismo na prática.

Somos a favor da feminilidade, do orgulho de ser mulher mas sem revanchismos e teorias que fazem as mulheres mais tristes e depressivas nos dias de hoje. Homens e mulheres sempre foram diferentes e se complementaram. Esta conversa marxista de igualdade a todo custo, de negar a realidade, a biologia e de grupos feministas “sexo anal contra o capital” somente provam que feministas defendem absurdos como o incesto, a sexualidade banalizada que culmina no aborto, o relativismo moral, cultural e leva a liberdade a ser usada como muletas.

Livres graças a nossa sociedade Ocidental e responsáveis.

Hora do feminismo ser desmascarado” – Descrição disponível na área de “Quem Somos” do site<sup>26</sup>. Autora não especificada.

Direcionando-nos para o aspecto educativo da página, percebemos que suas linhas temáticas buscam, em linhas gerais, teor muito menos jocoso comparado à página anterior, provavelmente com a intenção de conferir legitimidade e sobriedade às questões apresentadas

---

<sup>25</sup> Disponível em: <https://twitter.com/Mulheresantifem>. Acesso em 14 de Novembro de 2017.

<sup>26</sup> Disponível em: <https://mulherescontraofeminismo.wordpress.com/about/>. Acesso em 17 de Novembro de 2016.

e defendidas. Percebemos também um tom constante de alerta, visando conscientizar as mulheres (e homens) a respeito de possíveis “doutrinações” que o feminismo e a sociedade pós moderna possam inculcar nos indivíduos. Assim, para manter seu público bem informado, utilizam constantemente referências bibliográficas e não apenas notícias ou mesmo memes, como era o caso da página anterior. Com alguns posts para exemplificar as vertentes temáticas gerais da página, buscamos expor a constante valorização do saber e busca pela “emancipação” dos seguidores, estratégia muito explorada também pelo movimento feminista:



Figura 6: Post da página Mulheres Contra o Feminismo com chamada para artigo dissertativo no site<sup>27</sup>



Figura 7: Post da página Mulheres Contra o Feminismo, recomendando leituras sobre o tema<sup>28</sup>

<sup>27</sup> Disponível em:

<https://www.facebook.com/MulheresContraoFeminismo/photos/a.312878995472143.721174.299252103501499/486645234762184/?type=3&theater>. Acesso em 10 de Novembro de 2017.

<sup>28</sup> Disponível em:

[https://scontent.fcgh11-1.fna.fbcdn.net/v/t1.0-9/1385085\\_521638441262863\\_1119310232\\_n.jpg?\\_nc\\_cat=0&oh=c15e9b0b18e0a9a9d4645e05b982e687&oe=5B58CAF5](https://scontent.fcgh11-1.fna.fbcdn.net/v/t1.0-9/1385085_521638441262863_1119310232_n.jpg?_nc_cat=0&oh=c15e9b0b18e0a9a9d4645e05b982e687&oe=5B58CAF5). Acesso em 10 de Novembro de 2017.

Isto posto, partimos novamente para exposição dos eventos significativos ao feminismo que geraram qualquer tipo de indignação e/ou repercussão negativa dentre os participantes da página em questão e, conseqüentemente, quantificamos e qualificamos as reações recebidas:

Tabela 4: Eventos reativos ao feminismo em ordem cronológica da página Mulheres contra o feminismo

<b>2014</b>	<b>2015</b>	<b>2016</b>	<b>2017</b>
Eu não mereço ser estuprada	Protestos contra a Coleção Risqué Homens que amamos	Dia das Mulheres	Escritora feminista abusada por motorista de Uber
Marcha das vadias	Campanha em prol da legalização do aborto com atores da Globo	Discurso de Lula - mulher do grelo duro	Apoio feminista à performance com artista nu
Vagão Rosa	Revoltas contra Cunha - PL 5069	Bela Recatada e do Lar	
Atos para a descriminalização do aborto		Impeachment Dilma	

Tabela 5: Níveis de reatividade dos eventos apresentados na tabela 4

	<b>(1 post)</b>	<b>(2 - 4 posts)</b>	<b>(5 ou mais posts)</b>
Eu não mereço ser estuprada			
Marcha das vadias			
Vagão Rosa			
Atos para a descriminalização do aborto			
Protestos contra a Coleção Risqué Homens que amamos			
Campanha em prol da legalização do aborto com atores da Globo			
Revoltas contra Cunha - PL 5069			

Dia das Mulheres			
Discurso de Lula - mulher do grelo duro			
Bela Recatada e do Lar			
Impeachment Dilma			
#eunãomereçoserestuprada			
Escritora feminista abusada por motorista de Uber			
Apoio feminista à performance com artista nu			

Notamos que, de acordo com o perfil descrito, essa página conferiu a alguns dos eventos listados uma resposta mais pessoal e por vezes até fora do mundo virtual, aproximando sua atuação ao espectro da militância. Dois eventos que merecem destaque concernentes a este tipo de reação são: As reações aos protestos feministas contra a coleção de esmaltes da marca Risqué - Homens que amamos, e a resposta às revoltas contra o projeto de lei 5069 proposto pelo então presidente da câmara dos deputados, Eduardo Cunha.

Como estes dois eventos receberam alto nível de reatividade, eles serão melhor explanados adiante, quando terminarmos a exposição de nossas 3 páginas escolhidas e traçarmos nossa linha do tempo. Todavia, consideramos relevante neste momento a ilustração das reações das membras da página, visto que complementam nosso entendimento de seu perfil. O primeiro evento citado mobilizou as antifeministas a demonstrarem seu apoio à coleção de esmaltes, gerando controvérsia entre as feministas por ser considerada retrógrada e machista. Já o segundo evento foi digno de uma manifestação física que visava apoiar o projeto de lei 5069, alvo de extrema insatisfação feminista por estreitar ainda mais as normas a respeito do aborto:

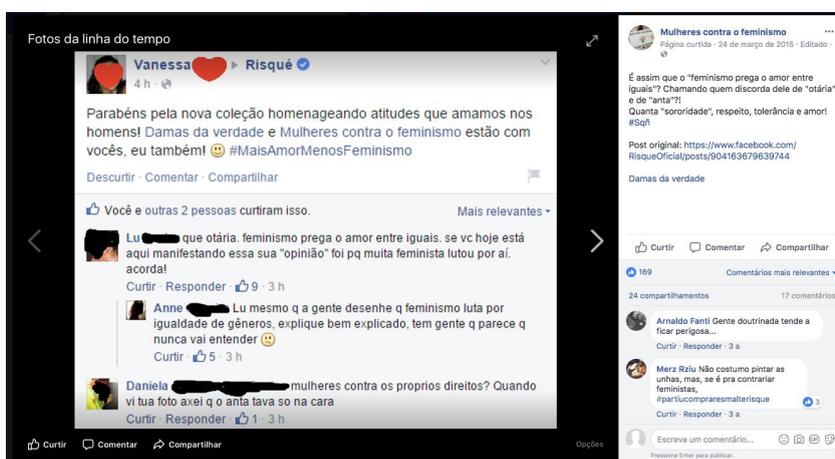


Figura 8: página Mulheres contra o feminismo, divulgando o apoio que recebeu de suas seguidoras na campanha por incentivar o sucesso da coleção de esmaltes<sup>29</sup>



Figura 9: Imagem do protesto realizado na Avenida Paulista, em São Paulo, para demonstrar apoio ao projeto de lei 5069<sup>30</sup>

Por fim, nossa terceira página com mais seguidores e mais frequência de postagem: Mulheres Inteligentes, semelhante à página Mulheres contra o feminismo por tratar-se de um conteúdo proposto de mulheres e para mulheres (majoritariamente). A página possui também um site com artigos de opinião,<sup>31</sup> alimentado com menor frequência do que a anterior e não apresenta novas postagens desde 2016, fato que julgamos estar atrelado a uma mudança considerável no foco de atuação da página, hoje quase exclusivamente religiosa.

Este enveredamento se torna evidente ao compararmos o cunho das postagens da página ao longo de nosso intervalo, tendo em vista que os conteúdos compartilhados ao final do período considerado tornam-se em sua grande maioria religiosos, em comparação com os

<sup>29</sup> Disponível em: <https://www.facebook.com/MulheresContraoFeminismo/photos/a.559939144099459.1073741829.299252103501499/827589610667743/?type=3&theater>. Acesso em 18 de Outubro de 2017.

<sup>30</sup> Disponível em: <https://www.facebook.com/MulheresContraoFeminismo/photos/a.559939144099459.1073741829.299252103501499/946453625448007/?type=3&theater>. Acesso em 18 de Outubro de 2017.

<sup>31</sup> Disponível em: <http://feminteligentes.blogspot.com.br/>. Acesso em 16 de Novembro de 2017.

compartilhados inicialmente, alternados entre questões da conduta cristã em relação à família e estilo de vida em geral, mas também traziam feitos femininos notáveis e informações úteis ou motivadoras às mulheres, além de diversas manifestações de repúdio à conduta feminista, principalmente no que diz respeito à questão do aborto, mas sem estarem direcionados, na maioria das vezes, a acontecimentos específicos.

A seguir, alguns exemplos em ordem cronológica que comprovam essa mudança tonal:



Figura 10: Post de 2014 que critica o vitimismo e busca estimular a mulher a ser uma pessoa melhor, sem teor religioso.<sup>32</sup>



Figura 11: Post de 2015 que manifesta-se contra o aborto sem assumir um tom religioso<sup>33</sup>

<sup>32</sup> Disponível em:

<https://www.facebook.com/mulher.mulher.inteligente/photos/a.581677591859200.152527.581667878526838/833051850055105/?type=3&permPage=1>. Acesso em 11 de Novembro de 2016

<sup>33</sup> Disponível em: <https://www.facebook.com/mulher.mulher.inteligente/posts/1137926356234318>. Acesso em 21 de Novembro de 2016



Figura 12: Post de 2016 que valoriza a postura autônoma de uma mulher<sup>34</sup>



Figura 13: Post de duas semanas após o anterior, passando uma mensagem religiosa e em nenhum aspecto direcionada a mulheres especificamente.<sup>35</sup>

<sup>34</sup> Disponível em: <https://www.facebook.com/mulher.mulher.inteligente/posts/1502533299773620>. Acesso em 21 de Novembro de 2016.

<sup>35</sup> Disponível em: <https://www.facebook.com/mulher.mulher.inteligente/photos/a.581677591859200.152527.581667878526838/1523079604385656/?type=3>. Acesso em 21 de Novembro de 2016

**Mulheres Inteligentes**  
14 de julho de 2017 · 🌐

De manhã, SENHOR, ouves a minha voz; de manhã te apresento a minha oração e fico esperando.  
Salmos 5:3

👍 Curtir    💬 Comentar    ➦ Compartilhar

👍❤️ 11

1 compartilhamento

👤 Escreva um comentário... 😊 🗨️  
Pressione Enter para publicar.

**Mulheres Inteligentes**  
13 de julho de 2017 · 🌐

Se seu coração estiver em coisas passageiras ele poderá passar por momentos que parecerão bons, mas passarão. Se estiver, porém, em Cristo será frutífero e terá a recompensa eterna de estar com o nosso Criador e deleitar-se nEle, a fonte da verdadeira alegria.

👍 Curtir    💬 Comentar    ➦ Compartilhar

👍❤️ 13

5 compartilhamentos

👤 Escreva um comentário... 😊 🗨️  
Pressione Enter para publicar.

**Mulheres Inteligentes**  
12 de julho de 2017 · 🌐

Corram!



**5 homens que toda garota cristã deve evitar**  
Segue 5 tipos de homens que toda boa garota cristã deve evitar. Mas serve para, você homem, saber o que elas não procuram em um homem cristão. Egoísta, centrado em si mesmo. Aquele cara que é semp...

Figura 14: Série de postagens de teor religioso no ano de 2017.<sup>36</sup>

<sup>36</sup> Disponível em: <https://www.facebook.com/mulher.mulher.inteligente/>. Acesso em 11 de Setembro de 2017.

Colocando em linhas gerais a temática da página ao longo de nosso intervalo, passemos por fim para a disposição final de eventos ligados ao feminismo que receberam sua reação negativa, bem como a quantificação de reações a cada um dos eventos. Antes de prosseguir, julgamos relevante acrescentar que ambos os eventos identificados em 2017, ocorreram no início do ano, e ao longo de seu restante, como demonstra a figura anterior, o teor das postagens tornou-se quase que exclusivamente religioso:

Tabela 6: Eventos reativos ao feminismo em ordem cronológica da página Mulheres Inteligentes

<b>2014</b>	<b>2015</b>	<b>2016</b>	<b>2017</b>
Eu não mereço ser estuprada	Enem 2015	Dia da Mulher	Marcha das mulheres e greve feminista - Ni Una a Menos
	Revoltas contra Cunha - PL 5069	Discurso de Lula - Mulher do Grelo Duro	Protesto na marcha feminista de Buenos Aires (Dia internacional da mulher) - Encenação Nossa senhora abortando Jesus
		Estupro Coletivo	
		Bela, Recatada e do Lar	
		Legalização do aborto	

Tabela 7: Níveis de reatividade dos eventos apresentados na tabela 6

	<b>(1 post)</b>	<b>(2 - 4 posts)</b>	<b>(5 ou mais posts)</b>
Eu não mereço ser estuprada			
Enem 2015			
Revolta contra Cunha - PL 5069			
Dia da Mulher			
Discurso de Lula - Mulher do Grelho Duro			
Estupro Coletivo			
Bela, Recatada e do Lar			
Legalização do aborto			
Marcha das mulheres e greve feminista - Ni Una a Menos			
Protesto na marcha feminista de Buenos Aires (Dia internacional da mulher) - Encenação Nossa senhora abortando Jesus			

Apresentadas as três páginas propostas, passemos então para a linha do tempo dos principais eventos do feminismo que receberam reação antagonista. Consideramos que esses eventos devem ser selecionados com base em dois critérios lógicos: o primeiro sendo o alto nível de reatividade, independentemente de uma página para outra; e o segundo sendo a repetição da reação a determinados eventos entre as páginas analisadas. Com este método, buscamos a obtenção de uma análise empírica e imparcial, não pautada somente no direcionamento teórico aqui defendido, mas também na mensagem transmitida pelos dados coletados.

Por fim, apresentamos a linha do tempo com os eventos selecionados, baseada nos dois critérios explanados acima, indicando em qual deles cada evento se encaixa no gráfico 2:

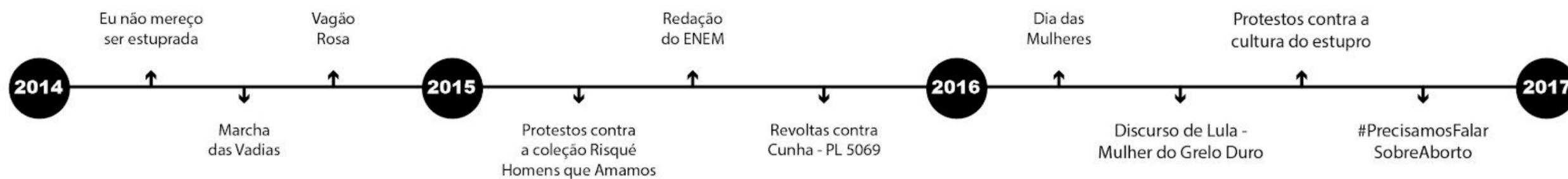


Gráfico 1: Linha do tempo de Eventos relevantes ao feminismo que receberam reação antagônica

### Antifeminismo

	(1 post)	(2 - 4 posts)	(5 ou mais posts)
Não mereço ser estuprada			
Marcha mundial das mulheres			
Marcha das Vadias			
Vagão Rosa			
Redação do ENEM			
Revoltas contra Cunha - PL 5069			
Operação Lava-Jato/ Governo Dilma			
Divulgação Nota do Enem 2015			
Revolta Short Curto nas escolas			
#soufeministaporque			
Dia das Mulheres			
Discurso de Lula - mulher do grelo duro			
Bela Recatada e do Lar			
Protestos contra a cultura do estupro			
Lei do descanso para mulheres no trabalho			
#PrecisamosFalarSobreAborto			
Loja de móveis Alezzia			
Protestos contra o governo majoritariamente masculino de Temer			
Sucesso de Pablo vittar - Desconstrução de gênero			

### Mulheres Contra o Feminismo

	(1 post)	(2 - 4 posts)	(5 ou mais posts)
Eu não mereço ser estuprada			
Marcha das vadias			
Vagão Rosa			
Atos para a descriminalização do aborto			
Protestos contra a Coleção Risqué Homens que amamos			
Campanha em prol da legalização do aborto com atores da Globo			
Revoltas contra Cunha - PL 5069			
Dia das Mulheres			
Discurso de Lula - mulher do grelo duro			
Bela Recatada e do Lar			
Impeachment Dilma			
#euñomereçoserestuprada			
Escritora feminista abusada por motorista de Uber			
Apoio feminista à performance com artista nu			

### Mulheres Inteligentes

	(1 post)	(2 - 4 posts)	(5 ou mais posts)
Eu não mereço ser estuprada			
Enem 2015			
Revoltas contra Cunha - PL 5069			
Dia da Mulher			
Discurso de Lula - Mulher do Grelo Duro			
Estupro Coletivo			
Bela, Recatada e do Lar			
Legalização do aborto			
Marcha das mulheres e greve feminista - Ni Una a Menos			
Protesto na marcha feminista de Buenos Aires (Dia internacional da mulher) - Encenação Nossa senhora abortando Jesus			

■ Evento que se repete em mais de uma comunidade

■ Evento que teve reação de alto envolvimento

Gráfico 2: Relação entre os eventos selecionados e os critérios estabelecidos

Identificados os eventos em questão, consideramos essencial uma breve contextualização de cada um, de maneira a garantir a integridade de nossa compreensão sobre o objeto de análise proposto:

## 2014

- Eu Não mereço ser estuprada<sup>37</sup> - Março de 2014:

O movimento “Eu Não Mereço Ser Estuprada” foi um protesto virtual, organizado no próprio Facebook, após a indignação com resultados do levantamento *Tolerância social à violência contra as mulheres* feito pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea)<sup>38</sup>, revelando que 65% dos 3810 entrevistados (homens e mulheres) concordavam (total ou parcialmente) com a declaração: “mulheres que têm partes do corpo à mostra, merecem ser atacadas”. A mobilização consistia em mulheres postarem fotos suas seminuas com os dizeres “#EuNãoMereçoSerEstuprada” de alguma maneira na foto. O protesto foi idealizado pela jornalista e escritora Nana Queiroz, ativista e estudiosa do feminismo.

- Marcha das Vadias - Agosto de 2014<sup>39</sup>

A Marcha das Vadias realizou sua quarta edição no ano de 2014 e contou com manifestações por todo o Brasil. O protesto, que ocorre anualmente, é originário do Canadá (originalmente denominado *Slutwalk* e traduzido para o português) e possui como principal intuito questionar a cultura de responsabilização das mulheres em casos de estupro e assédio sexual. Para tanto, as manifestantes marcham muitas vezes nuas ou seminuas, com a intenção de incitar o questionamento a respeito da sexualização e objetificação do corpo feminino.

---

<sup>37</sup>Informações retiradas de matéria divulgada no portal de notícias O Globo. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/brasil/protesto-nao-mereco-ser-estuprada-movimenta-facebook-apos-resultado-de-pesquisa-12018281>. Acesso em 02 de Outubro de 2017.

<sup>38</sup> Disponível em: [http://ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/SIPS/140327\\_sips\\_violencia\\_mulheres.pdf](http://ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/SIPS/140327_sips_violencia_mulheres.pdf). Acesso em 02 de Outubro de 2017.

<sup>39</sup> Informações retiradas de matérias divulgadas no portal de notícias G1. Disponíveis em: <http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2014/08/marcha-das-vadias-em-copacabana-protesta-contra-violencia-sexual.html>; <http://g1.globo.com/pr/parana/noticia/2014/07/marcha-das-vadias-reune-centenas-de-pessoas-no-centro-de-curitiba.html>; <http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2014/05/manifestantes-realizam-marcha-das-vadias-em-sao-paulo.html>. Acesso em 02 de Outubro de 2017.

- Vagão Rosa - Julho/Agosto de 2014<sup>40</sup>

O Vagão Rosa foi um projeto de lei proposto pelo deputado Jorge Caruso (PMDB) com a intenção de obrigar as empresas de transporte urbano do estado de São Paulo a disponibilizarem um vagão exclusivo para mulheres, a fim de protegê-las do assédio sexual masculino. O projeto foi vetado pelo então governador do estado Geraldo Alckmin em agosto de 2014 e recebeu reação negativa de diversos coletivos feministas com o argumento de que a vítima só seria mais segregada perante a sociedade, sendo mais eficaz a conscientização da sociedade a respeito dos direitos da mulher, não restringindo ainda mais seu direito de ir e vir.

## 2015

- Protestos contra a coleção Risqué Homens que amamos - Março de 2015<sup>41</sup>

A marca de esmaltes Risqué lançou em 23 de março de 2015 uma coleção de esmaltes denominada “Homens que Amamos”, glorificando, segundo a marca, “pequenos gestos diários dos homens”, que se resumiam em: "Zeca chamou pra sair", "Fê mandou mensagem", "João disse eu te amo", "Léo mandou flores", "Guto fez o pedido" e "André fez o jantar". A coleção gerou polêmica principalmente nas redes sociais, instaurando um debate sobre o machismo presente nessas nomenclaturas e levantou questionamentos concernentes às responsabilidades e expectativas coniventes conferidas aos homens.

- Redação do Enem - Outubro de 2015<sup>42</sup>

A redação do Enem de 2015 trouxe o tema “A persistência da violência contra a mulher na sociedade brasileira”. No primeiro semestre do mesmo ano, a lei do feminicídio foi aprovada, salientando a questão da violência contra a mulher em diversas esferas de debate. O tema era, portanto, a reflexão de uma pauta relevante para o momento e foi muito bem recebido pelas

---

<sup>40</sup> Informações retiradas de matéria divulgada no portal de notícias G1. Disponível em: <http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2014/08/alckmin-veta-criacao-de-vagao-rosa-nos-trens-e-no-metro-de-sp.html>. Acesso em 02 de Outubro de 2017.

<sup>41</sup> Informações retiradas de matéria divulgada no Ego, setor de notícias cotidianas do portal Globo.com. Disponível em: <http://ego.globo.com/beleza/noticia/2015/03/marca-de-esmaltes-cria-campanha-com-nomes-de-homens-e-gera-polemica.html>. Acesso em 02 de Outubro de 2017.

<sup>42</sup> Informações retiradas de matéria divulgada no portal de notícias G1. Disponível em: <http://g1.globo.com/educacao/enem/2015/noticia/2015/10/enem-2015-traz-violencia-contramulher-no-brasil-no-tema-da-redacao.html>. Acesso em 02 de Outubro de 2017.

feministas e apoiadores do movimento. No entanto, diversas pessoas mostraram-se contrárias à proposta, alegando que ela condicionava um único viés discursivo.

- Revoltas contra Cunha - PL 5069 - Outubro/ Novembro 2015<sup>43</sup>

O projeto de lei 5069 foi elaborado pelo deputado Eduardo Cunha (PMDB-RJ) e patrocinado pela bancada religiosa da câmara dos deputados em 2015. Sua principal intenção era dificultar a profilaxia da gravidez para mulheres vítimas de estupro, já prevista em lei. Com isso, foram sugeridas barreiras para complicar o acesso a essa medida, como só atender a vítima de estupro na rede pública de saúde após registro oficial de ocorrência e a destituição da obrigação do profissional de saúde a administrar procedimentos ou medicamentos abortivos (como a pílula do dia seguinte). Após aprovação na câmara dos deputados, surgiram inúmeras revoltas nas redes e nas ruas, trazendo o mote “Pílula fica, Cunha sai”.

## 2016

- Dia das Mulheres - Março 2016<sup>44</sup>

Em março de 2016 ocorreu a Marcha Mundial das Mulheres, evento anualmente realizado nessa data, porém a situação política do Brasil naquele momento foi propícia para embates a respeito do governo da então presidente Dilma, já que sempre mostrou-se solidária às pautas feministas. A solenidade em São Paulo terminou sendo alvo de polêmicas por parte de grupos conservadores por apoiar questões cujo governo petista também advogava, como a contrariedade à reforma da previdência e o reajuste fiscal. Além disso, trazia também as questões da legalização do aborto, fim da violência contra a mulher e do racismo, também alvos constantes da desaprovação entre os tradicionalistas.

- Discurso de Lula - Mulher do Grelho Duro<sup>45</sup> - Março 2016

---

<sup>43</sup> Informações retiradas de matérias divulgadas no portal de notícias El País. Disponíveis em: [https://brasil.elpais.com/brasil/2015/10/30/politica/1446222175\\_318913.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2015/10/30/politica/1446222175_318913.html); [https://brasil.elpais.com/brasil/2015/11/12/politica/1447357721\\_656693.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2015/11/12/politica/1447357721_656693.html); [https://brasil.elpais.com/brasil/2015/10/30/politica/1446238579\\_446975.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2015/10/30/politica/1446238579_446975.html). Acesso em 03 de Outubro de 2017.

<sup>44</sup> Informações retiradas de matéria divulgada no portal de notícias G1. Disponível em: <http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2016/03/grupo-faz-ato-em-sp-pelo-dia-internacional-de-luta-das-mulheres.html>. Acesso em 03 de Outubro de 2016.

<sup>45</sup> Informações retiradas de matéria divulgada no portal de notícias Folha de São Paulo. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/poder/2016/03/1751987-feministas-se-dividem-sobre-falas-de-lula-captadas-em-grupos.shtml>. Acesso em 03 de Outubro de 2017.

Em grampo realizado entre uma conversa do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva e ex-ministro Paulo Vannuchi, destacou-se na mídia a frase dita pelo ex-presidente “Onde estão as mulheres de grelo duro do nosso partido?”. A expressão é de fato regional, típica do nordeste e significa mulher de fibra. No entanto, para muitos este fato não era conhecido e gerou espanto, pois foi considerado como um discurso machista e de baixo calão. Diversas feministas cientes do significado da expressão se mostraram lisonjeadas com a declaração e provocaram revolta de conservadores que desconheciam suas origens e julgaram a atitude das feministas incoerente e cegamente partidária.

- Protestos contra a cultura do estupro<sup>46</sup> - Maio/Junho 2016

Após estupro coletivo de uma adolescente no Rio de Janeiro que ganhou destaque na grande mídia, o tema do estupro e da culpabilização da vítima foram trazidos em questão pelas feministas. Diversos atos contra o abuso sexual e o machismo foram organizados a partir das redes sociais e também estimularam-se debates sobre falhas culturais referentes aos direitos da mulher, à ideologia de gênero e à sexualização feminina e infantil, tanto nas redes quanto na mídia, colocando a agenda feminista em evidência.

- #PrecisamosFalarSobreAborto<sup>47</sup> - Setembro 2016

A hashtag em questão era representativa de uma mobilização denominada *Virada Feminista Online*, uma profusão de debates organizada por diversos coletivos feministas que duraria 24 horas com o objetivo de iluminar o assunto da descriminalização do aborto. O dia escolhido para o evento foi 28 de setembro, proclamado dia de Luta pela Descriminalização do Aborto na América Latina e no Caribe. A utilização da hashtag foi uma técnica para condensar todos os conteúdos e eventos reunidos a respeito do tema nas redes sociais. A proposta dessa ação era sua realização integral em páginas virtuais.

Com base nos intervalos cronológicos apresentados anteriormente, realizamos a busca por meio do software Facepager, já descrita, levando em conta todas as páginas que constituem

---

<sup>46</sup> Informações retiradas de matéria divulgada no portal de notícias Carta Capital. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/sociedade/mulheres-protestam-contracultura-do-estupro>. Acesso em 03 de Outubro de 2017.

<sup>47</sup> Informações retiradas de matéria divulgada no portal de notícias Carta Capital. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/sociedade/precisamos-falar-sobre-aborto>. Acesso em 03 de Outubro de 2017.



das páginas de modo geral (explorada na tabela 1) seguida da apresentação das principais três páginas utilizadas para selecionarmos os eventos significativos para os antifeministas, de modo a aventar uma linha do tempo em um terceiro momento. Com a linha do tempo pautando nosso intervalo cronológico de análise foi possível realizar, por fim, a busca geral das postagens nos períodos selecionados e catalogá-las em planilhas que nos serão úteis para nossa análise final e também nos permitiram a elaboração de uma nuvem de palavras.

Buscamos com todos os critérios de seleção e exposição da informação aqui utilizados, uma apresentação completa e multilateral do discurso antifeminista no Facebook, bem como a exploração de métodos permitindo a extração categórica da informação, ao mesmo tempo que permaneça adequada ao contexto plural, heterogêneo e à grande profusão de informações características das redes sociais.

### CAPÍTULO 3 - PERCURSOS COMUNICACIONAIS DO ANTIFEMINISMO NO FACEBOOK

No primeiro e segundo capítulos foram propostas abordagens diversas com o intuito de identificar o que é o movimento antifeminista. No capítulo 1, a abordagem *stricto-sensu*, postulou quais eram as principais matrizes temáticas do antifeminismo um corte histórico e sociológico; no capítulo 2, a coleta e agrupamento de dados acerca das páginas antifeministas apresentaram a possibilidade de melhor identificação e mobilização dos discursos propostos em cada página analisada.

Para cumprir a proposta do presente capítulo, propomos uma abordagem híbrida, partindo da teoria do discurso de Laclau, aliada à semiótica tensiva, de modo que seja possível identificar os contratos comunicacionais antifeministas e seus respectivos percursos passionais. Pontualmente, serão introduzidos complementos teóricos das vertentes sociais e dos estudos cibernéticos, tendo em vista a necessidade de apresentar um argumento que contemple o cenário analisado com base em um prisma macroscópico. Em um segundo momento, o *corpus* será examinado à luz da teoria das extremidades de Christine Mello (2004), com o intuito de repensar e comparar os pontos de destaque (ou pontos nodais) das argumentações antifeministas apresentadas nos capítulos 1 e 2. Por fim, serão introduzidas as considerações finais advindas desse processo analítico.

Sendo assim, iniciamos este argumento com a apresentação dos preceitos da teoria discursiva de Laclau, esboçada na década de 80, com a finalidade de analisar empiricamente o material bruto e as informações pela ótica de práticas discursivas. De maneira sintética, é possível afirmar que estas práticas incutem significados a sujeitos e objetos. A identificação de lapsos e fraquezas existentes em diversos paradigmas da ciência social até então estabelecidos, foi o principal fator motivador do desenvolvimento desta teoria que busca oferecer uma maneira nova de pensar os relacionamentos entre estruturas sociais e protagonismo político, além do papel dos interesses e das identidades, referentes à explicação da ação social, do entrelaçamento de significados e práticas e , por fim, do caráter da mudança social e histórica.

Opondo-se fortemente a concepções positivistas e naturalistas de método e conhecimento, a teoria rejeita veementemente a busca por leis científicas da sociedade e da política, baseadas em generalizações empíricas, as quais podem resultar em embasamentos estáveis para predições. De uma maneira geral, é possível afirmar que ela nega as concepções ingênuas da verdade, nas quais as teorias só surgem para “consertar” uma realidade “problemática”. Assim, um a um os predicados tomados como estáveis são desconstruídos e ressignificados sob a ótica discursiva. A concepção de sociedade e da identidade encarada de maneira dicotômica (como um pensar e fazer) são de pronto destituídos de coerência.

Para Laclau (2015), o que de fato existe é um universo de objetos portadores de significado, conferidos a partir de um sistema histórico de regras específicas. Sendo assim, um mesmo objeto ou tema pode ser articulado e baseado em discursos diversos, cada qual compreendendo uma identidade e uma significância. Cada discurso representa uma construção política que estabelece um sistema de relações entre diferentes objetos e práticas, promovendo posições com as quais os agentes sociais podem identificar-se.

Deste modo, projetos políticos nada mais são do que tentativas de estabelecer a união e homogeneização de vertentes discursivas, em um movimento de esforço para dominar e organizar um campo significativo, de forma que identidades de objetos e práticas mantenham-se dispostas de uma maneira particular. É possível afirmar a teoria do discurso como observadora da maneira pela qual as práticas sociais se articulam e contestam os discursos estabelecidos dentro da realidade social. A ótica discursiva defende que estas práticas sociais são possibilitadas devido aos sistemas significativos contingentes e nunca podem exaurir um campo de significados, assim, a sutura de conceitos acerca de qualquer elemento não é um aspecto defendido na compreensão da análise discursiva que prioriza as fixações parciais de sentidos. (HOWARTH, NORVAL e STAVRAKAKIS, 2000, p. 5)

Os agentes atuantes nestes sistemas sociais contingentes podem ser encarados como organismos que são constantemente submetidos à mudança histórico-social, um reflexo das práticas políticas em ação. Todavia, ao passo que ressalta a contingência presente na formação das identidades sociais, a teoria discursiva também reconhece que é possível e necessária a existência de uma significação parcial. (LACLAU E MOUFFE, 2015)

Destarte, percebemos que é oferecida por Laclau e Mouffe (2015) uma visão da mudança social que não reduz todas as sucessões de fatos a uma lógica essencialista, tampouco nega a existência de continuidade e fixação de sentidos (HOWARTH, NORVAL e STAVRAKAKIS, 2000, p. 11). Para tornar mais tangível essa concepção de fixações parciais, a teoria introduz quatro categorias que situam o discurso em termos quantitativos e qualitativos. As categorias são: a *articulação*, os *elementos*, os *momentos* e os *pontos nodais*.

Partindo do pressuposto de que toda a identidade surge através da articulação e rearticulação de elementos significantes, Laclau e Mouffe (2015) entendem por *articulação* qualquer prática estabelecida de uma relação entre elementos ao ponto de sua identidade seja modificada como um resultado dessa prática. O discurso é, por sua vez, a totalidade estruturada que resulta dessa prática, sendo os *momentos*, as posições diferenciais articuladas dentro dele (do discurso) e os *elementos*, as diferenças que, nessa prática, não se articularam discursivamente por conta do caráter flutuante adquirido em tempos de crise e deslocamento social. (LACLAU E MOUFFE, p.178, 2015). Dito de outro modo, os elementos quando articulados se tornam momentos de um discurso.

Porém, se considerarmos os preceitos da contingência e da fixação parcial de significados apresentados anteriormente, nos deparamos com uma situação paradoxal, segundo Howarth et al. (2000): se todas as formas sociais são contingentes e se a transição de elementos para momentos nunca está completa, como é possível qualquer formação social? A resposta está na quarta categoria proposta pela teoria discursiva: os *pontos nodais*; pontos de referência ou de significância privilegiados em um discurso e que contribuem desta maneira para estruturar *elementos* em um sistema significativo de *momentos*. Deste modo, compreendemos que os *pontos nodais* unem um sistema particular de significados ou uma cadeia de significação dentro de determinado discurso. (HOWARTH, NORVAL e STAVRAKAKIS, 2000, p. 12)

Com todas as características da teoria discursiva explanadas até o momento, torna-se evidente que todo o seu raciocínio está alicerçado na noção de que o campo social nunca se fecha em definitivo. Examinando os discursos políticos, vemos que seu principal esforço é aquele de preencher o vazio de significação, que por sua vez, é responsável pela angústia e pelos

conflitos sociais. Embora este estabelecimento social pleno e universal seja inatingível, para Laclau (1996) ele não desaparece como ideal, mas sim segue a existir pela presença de sua ausência e por isso é chamado pelo autor de *significante vazio*.

A *articulação* de um discurso político, por sua vez, só pode se dar em torno de um *significante vazio* que assume o papel de *ponto nodal*, tornando-se uma condição de existência para o sucesso da hegemonização. A conduta de hegemonizar pode ser compreendida como uma busca para nivelar a topografia social, classificando o que a integra e apresenta fora dos padrões esperados. Discurso e política são portanto indissociáveis, pois as identidades produzidas através deles envolvem necessariamente a construção de exercícios de poder. No momento em que esses exercícios de poder atingem uma situação limítrofe de embate, na qual um dos organismos impede o outro de existir plenamente conforme atua sobre ele e impõe seu *modus operandi*, temos um *antagonismo*.

Os antagonismos são, por sua vez, centrais para a teoria discursiva, pois revelam os pontos extremos de contestação de significados sociais, os quais não podem ser estabilizados, caracterizando assim, uma negatividade inconciliável nas relações sociais. Deste modo é possível afirmar que antagonismos nada mais são do que evidências das fronteiras nas formações sociais: para Laclau e Mouffe (2015), antagonismos ocorrem devido ao agente social ser incapaz de ater-se plenamente a suas identidades. Ou seja, a relação antagonista emerge, não de totalidades estabelecidas e suturadas, mas da impossibilidade de sua constituição. Antagonismos são portanto mais do que simples discordâncias lógicas entre sistemas, tendo em vista que todos os sujeitos participam simultaneamente de estruturas de crenças discordantes entre si. No caso do antagonismo, o que ocorre é a presença do “Outro” (LACLAU E MOUFFE, p.202, 2015) impedindo um sujeito de ser plenamente ele mesmo.

Aqui podemos recorrer à definição de violência de Chauí (1980), atestando o ato violento àquele que reduz o sujeito ao *status* de coisa, na busca de impedir que ele exerça sua individualidade. Percebemos, portanto, a conexão direta entre o antagonismo e a violência simbólica: em ambos ocorre a dominação de um indivíduo e a supressão de sua condição e/ou de sua presença plena.

Embora nossa intenção seja a de trazer a descrição mais clara e pragmática dos antagonismos, para Laclau e Mouffe (2015) sua própria condição é algo que “escapa à possibilidade de ser apreendido pela linguagem, em virtude da linguagem existir somente como esforço para fixar aquilo que o antagonismo subverte” (p. 202, 2015). Assim entendemos que os antagonismos não existem enquanto relações objetivas, mas podemos pensar, com Laclau, que eles representam relações limítrofes de toda a objetividade. Isso se tornou evidente no momento em que nos deparamos, no final do segundo capítulo, com o que identificamos por pontos nodais do antifeminismo no Facebook: um conjunto pouco coeso de pautas, cuja relação com os dois grandes vetores do antifeminismo apresentado no capítulo 1 (aversão aos direitos iguais e ao aborto) não se apresentava de maneira linear. O compartilhamento dinâmico de conteúdo aversivo ao feminismo, com pouca ou nenhuma tentativa de apresentar uma argumentação para justificar essa maneira de pensar, torna difícil a missão de identificar os contratos comunicacionais do antifeminismo no Facebook.

Se revisitarmos qualquer um dos posts coletados para nossa análise do *corpus*<sup>49</sup>, percebemos a existência de uma comunicação majoritariamente constituída por imagens humorísticas manipuladas (memes, charges, colagens), imagens comparativas (um vs. outro) ou fotos em geral, muitas vezes com frases sobrepostas na imagem. A área reservada para descrição da imagem raramente é explorada por textos argumentativos e aprofundados, raramente é utilizada. Outro tipo de conteúdo amplamente compartilhado pelas páginas são notícias ou posts de blogs, dificilmente acompanhadas de texto dissertativo que exprima considerações acerca do tema apresentado. A seguir, alguns exemplos imagéticos:

---

<sup>49</sup> vide Anexo A para o volume completo.



Figura 16: Post da página Anti-Feminismo explorando a colagem acompanhada de texto sobreposto na imagem e não acompanhado de texto descritivo.<sup>50</sup>



Figura 17: Post da página Mulheres contra o feminismo que explora uma charge, acompanhada de texto descritivo breve, visando majoritariamente divulgar a página para obter mais curtidas.<sup>51</sup>

<sup>50</sup> Disponível em: <https://www.facebook.com/antifeminismo01/photos/a.558836090807608.128431.558832067474677/1355288641162345/?type=3&theater>. Acesso em 10 Julho de 2017.

<sup>51</sup> Disponível em: <https://www.facebook.com/MulheresContraoFeminismo/photos/a.559939144099459.1073741829.299252103501499/1036593859767316/?type=3&theater>. Acesso em 10 Julho de 2017.



Figura 18: Post da página Mulheres Inteligentes que compartilha um texto dissertativo de um blog de cunho pessoal sem exprimir considerações a respeito do conteúdo.



Figura 19: Post dissertativo da página Mulheres Inteligentes, identificada como a que possui o perfil mais didático dentre o *corpus*, buscando exprimir seu repúdio acerca do posicionamento político das feministas.<sup>52</sup>

Ainda que em alguns momentos exista a intenção de transmitir um raciocínio através da argumentação (vide figura 18), o que de fato percebe-se pelo discurso reproduzido nas

<sup>52</sup> Disponível em: <https://www.facebook.com/mulher.mulher.inteligente/posts/1296639967029622>. Acesso em 05 de Agosto de 2017.

páginas analisadas e aqui reintroduzidas, é uma reatividade patêmica ao feminismo como um todo, exposta pelos repúdios a eventos que foram apresentados no capítulo anterior. O debate aprofundado sobre conceitos estratégicos e a mobilização coletiva visando um objetivo comum, não se apresenta todavia na grande maioria dos posts analisados, o que nos faz questionar a legitimidade dos grupos considerados enquanto militâncias políticas e, aqui, vale salientar que “o político está onde quer que se produza uma ordem de coisas, um regime de práticas” (LOPES, et. al, p.22, 2015)

A fim de melhor compreendermos o significado dessa reatividade identificada nos grupos antifeministas, trazemos os conceitos da semiótica tensiva de Zilberberg para demonstrar o que este termo implica no teor de nossa análise. De acordo com Prado, à medida que discursos existem e disputam sentidos entre si, (vide como exemplo o embate entre feminismo e antifeminismo) “tal disputa pode ir da estesia para a anestesia ou vice-versa, através de graus afetivos” (PRADO, p.2, 2016).

Essa disputa nasce a partir de determinado acontecimento, aqui compreendido como o fator/evento que desperta a intensidade. Conforme a disputa é apropriada pelos discursos que concorrem entre si (discursos antagônicos), ela passa a existir extensamente no cotidiano dos indivíduos envolvidos nesse embate. Além disso, deve-se observar que “as determinações intensivas e extensivas recebem aí a denominação, comum no campo das chamadas ciências humanas, de valências” (ZILBERBERG, 2002). As valências modulam-se de modo extensivo no trajeto partindo do assomo do acontecimento (intensidade) e finda-se na “resolução dos estados” (PRADO, 2016).

Compreendendo que existe uma descendência de estesias a datar do momento em que se dá o acontecimento, devemos questionar as maneiras pelas quais os sujeitos são afetados e reagem a ele e quais diálogos podem ser gerados acerca dele, a depender de como esse acontecimento os afeta em sua individualidade. Para Prado (2016)

Há sujeitos fiéis ao acontecimento, que constroem com suas ações o após acontecimento, mas há também os sujeitos reativos e os obscuros [BADIOU, 2008, p.72], que tentam desconstruir os efeitos do acontecimento na extensidade, se opondo a ele. (PRADO, p.2, 2016)

Percebe-se que ao vivenciarem um acontecimento, os sujeitos não são afetados de maneira superficial; pode-se dizer que chegam a ser destituídos de si mesmos (PRADO, 2016) e, deste modo, as maneiras pelas quais respondiam a estímulos e discursos no estado anterior ao acontecimento mudam, tendo em vista que os afetos mudam e, por consequência, sua maneira de responder a eles. Em meio à essa desorientação acontecimental, as paixões tomam conta do sujeito e por paixões compreendemos a modalização do ser desses sujeitos que traduz o seu “estado de alma” (GREIMAS; FONTANILLE, 1993).

Aqui podemos identificar a necessidade de se pensar os grupos antifeministas do facebook através do prisma da semiótica tensiva, pois esse grupo existe à medida que é reativo ao acontecimento do feminismo e cujos modos de agir e pensar emergem como consequência da reação passional aversiva ao feminismo. Considerando o feminismo como emergência de um acontecimento a partir do qual as mulheres possam enfrentar o patriarcado, é importante observar que a militância feminista segue em atividade e que suas conquistas caracterizam pontualmente uma política de transformação.

Conforme pudemos identificar no capítulo anterior, os grupos antifeministas exprimem nas páginas analisadas a sua reação a acontecimentos feministas cotidianos e também a discursos que emergiram com o feminismo. Tais discursos permanecem nas pautas do movimento em constante desenvolvimento e seguem sendo não-aceitos e questionados pelos grupos antagonistas. Já os ditos eventos feministas como o dia da mulher, marcha das vadias, manifestações a favor da legalização do aborto e contra políticos de ideologia machista, recebem dos grupos antifeministas reações pautadas primordialmente no discurso de ódio e da violência, o que, de acordo com Prado (2016) denota a tentativa da desconstrução ou destruição dos efeitos desses eventos.

As fortes pulsões da raiva e do desprezo que o feminismo desperta em nossos sujeitos de análise resultam em articulações discursivas moduladas em direção à intensidade afetiva, ou seja, o material semântico produzido é fortemente carregado de passionalidade. Assim, o resultado final apresentado e publicado nas páginas aparece como um texto intenso e fragmentado.

Partindo do argumento exposto previamente de que um movimento político, sob a ótica do discurso, nada mais é do que a disposição de grupos em torno de determinado ponto nodal com a intenção de hegemonizar e suturar um campo de diferenças, temos a percepção de que o conteúdo com o qual nos deparamos no capítulo 2 nos proporciona dificuldade para identificar, em termos de contratos comunicacionais, quais são os pontos nodais do antifeminismo enquanto movimento político e qual sua organização característica.

A grosso modo, compreendemos os contratos de comunicação como partindo da conjectura de que “a comunicação, seja ela midiaticizada ou face a face, formal ou informal, escrita ou oral, depende de um acordo tácito que possibilita a própria instauração da interlocução e é atualizada por meio dela” (MENDONÇA, 2008, p.2). Na análise de nosso *corpus*, identificamos a concordância entre os antifeministas que interagem nessas páginas, mas a interlocução ocorre de modo pontual e superficial e não evolui para estágios mais avançados de debate, troca de ideias e subsequentes mobilizações coletivas. Posto de outro modo, temos a percepção de que os grupos antifeministas no *Facebook* concordam em discordar do movimento feminista, mas não atingem elevados níveis de mobilização com a finalidade de estruturarem-se enquanto coletivos.

Assim, entendemos que o movimento acima descrito difere em termos estruturais do antifeminismo identificado no capítulo 1, existente como ação politicamente engendrada, pois apresenta movimentos interlocutórios bem estruturados, bem como clareza em suas convocações biopolíticas, nos remetendo ao :

(...) termo semiótico para o impulso comunicativo que a relação pragmática incita no leitor [aqui podemos substituir a imagem do leitor pela de enunciatário] a partir do contrato de comunicação proposto pelo enunciatador” (PRADO, 2010; 2013)

Entendemos com os argumentos apresentados até o momento que qualquer movimento politicamente estruturado deve buscar a transmissão de um conceito coeso, traduzindo seu contrato comunicacional e assim convidando, ou convocando, a sociedade a aderir seus princípios ideológicos. O conceito de ideologia de acordo com a socióloga Marilena Chauí

concerne à existência de uma concordância entre a maneira que integrantes de determinado movimento se comunicam para o mundo:

A ideologia, forma específica do imaginário social moderno, é a maneira necessária pela qual os agentes sociais representam para si mesmos o *aparecer* social, econômico e político, de tal sorte que essa aparência (que não devemos simplesmente tomar como sinônimo de ilusão ou falsidade), por ser o modo imediato e abstrato de manifestação do processo histórico é o ocultamento ou a dissimulação do real. Fundamentalmente a ideologia é um corpo sistemático de representações e de normas que nos “ensinam” a conhecer e a agir. A sistematicidade e a coerência ideológicas nascem de uma determinação muito precisa: o discurso ideológico é aquele que pretende coincidir com as coisas, anular a diferença entre o pensar, o dizer e o ser, e destarte, engendrar uma lógica da identificação que unifique pensamento, linguagem e realidade para, através dessa lógica, obter a identificação de todos os sujeitos sociais com uma imagem particular universalizada, isto é, a imagem da classe dominante. (CHAUÍ, p.3, 1989)

Tendo em vista que o antifeminismo apresentado no capítulo 1 busca transmitir um discurso que “estabeleça coincidências entre a realidade social e política com as representações construídas acerca delas” (CHAUÍ, p.41, 1989) ou seja, um movimento que exerce um esforço para transmitir uma imagem identificável e unificada de si para o mundo, demonstrando a existência de uma disparidade entre os contratos propostos pelo movimento apresentado no capítulo 1 e o identificado empiricamente no capítulo 2. Todavia, essa disparidade não exime a existência de ideologia em ambos os movimentos. Tratando-se do antifeminismo no *Facebook*, podemos facilmente postular as bandeiras e princípios que são comuns a todos os integrantes; o que muda de fato é apenas a maneira de comunicá-las.

Nota-se com a análise dos dados coletados no capítulo 2, a retratação do antifeminismo nas páginas do *Facebook* como um movimento no qual os discursos ocorrem de forma reativa, extremada e individualizada, tendo em vista que se concentram em comentários pontuais nas postagens ou breves descrições dos conteúdos postados. De acordo com a comunicóloga Adriana Amaral:

(...) a disputa simbólica pelo espaço das redes é uma disputa de diferentes identidades e grupos sociais em suas demarcações de "territórios" através de estratégias de linguagens características.

Nesse contexto, há uma ressignificação das práticas comunicacionais dentro e fora da própria internet em um fluxo de reconfigurações que só pode ser apreendido enquanto fenômeno a partir da diversidade cultural e de suas ressonâncias nas sociabilidades envolvidas nas ruas. (AMARAL, 2011)

Entendemos que, conforme menciona Amaral, as formas de comunicação e interação no ambiente cibernético foram ressignificadas. De acordo com Lucia Santaella (2016), algumas características típicas das redes como o estímulo da circulação de informações e opiniões, a cultura participativa e o compartilhamento de alvos comuns, instalam uma sensação de pertencimento, pautam a maneira que o indivíduo se apresenta e se relaciona no ciberespaço. Além disso, Santaella (2016) destaca perceber a transferência de diversos comportamentos adquiridos nas redes para o mundo presencial, como o direito ao compartilhamento público de discursos próprios, à participação e o desenvolvimento da capacidade crítica oriunda da colaboração.

Dessa fusão e transferência de condutas entre as redes e as ruas, surge para Santaella (2016) um novo tipo de militância que, de acordo com o cientista social Marco Aurélio Nogueira, é:

(...) menos organizada e mais individualizada, de movimentação contínua, de pressões antissistêmicas erráticas, viabilizadas pelas maiores facilidades de comunicação e contato. Desponta uma politicidade de outro tipo, cujo teor e formato institucional ainda estão por ser estabelecidos. Deriva daí um novo padrão de militância. (NOGUEIRA, 2013)<sup>53</sup>

Se pretendemos, conforme proposto, identificar quais são os contratos comunicacionais e percursos passionais do discurso antifeminista na rede social *Facebook*, devemos considerar a análise de um objeto que, pelo próprio ciberespaço em que está inserido, apresenta modos de interagir e agir completamente diversos daqueles identificados no antifeminismo existente antes do advento das redes e, entendemos neste momento, a falta de conformidade em esperar os resultados observados nas redes que seguissem uma lógica de distribuição e atuação observada no antifeminismo analisado em contexto histórico e acadêmico.

---

<sup>53</sup> Trecho retirado de artigo publicado na revista digital “Arte Política”. Disponível em [https://www.sescsp.org.br/online/artigo/6925\\_NOVO+ATIVISMO](https://www.sescsp.org.br/online/artigo/6925_NOVO+ATIVISMO). Acesso em 10 de Novembro de 2016.

Entretanto, julgamos relevante o esclarecimento de que este aspecto não torna, de modo algum, nosso objeto menos apropriado para a análise do discurso, apenas nos mostra nosso prisma de análise como objeto fragmentado, individualizado, reativo e que todas essas características estão diretamente relacionadas não apenas ao espaço cibernético mas também ao cenário político do país.

De acordo com Nogueira (2013), o atual cenário político brasileiro demonstra a ausência de lideranças, o que acarreta na fragmentação e individuação social. Fatores que, paradoxalmente, apresentam-se na época de maior conexão em redes da história. Os sujeitos que integram esta trama deparam-se com novos conflitos e contradições e, tal qual postula a semiótica tensiva, reagem com variada intensidade aos acontecimentos que os interpelam. (PRADO, 2016; ZILBERBERG, 2002) Para Nogueira, “A hiperatividade da sociedade civil ocorre mais em função da necessidade de autoexpressão do que da disposição para organizar consensos ou lutar pelo poder em sentido estrito.” (Nogueira, 2013). Esta reação hiperativa da sociedade diz respeito aos novos modos de interagir e se comunicar anteriormente mencionados, os quais não deixam de representar a existência de uma mobilização em torno de um ideal, ainda que de modo não-linear.

Seja através do viés da comunicação e semiótica, das biopolíticas ou da sociologia, podemos enxergar nosso objeto de estudo como um efeito reativo cuja expressão primordial é violenta e/ou agressiva. Essa violência no ambiente virtual das páginas ocorre de modo simbólico. Pontualmente, a violência dos grupos antifeministas no *Facebook* potencializa-se e talvez se apresente dessa maneira devido ao próprio ambiente em que se propaga:

As redes sociais geraram mudanças na forma de sociabilidade entre os indivíduos e com isso, a propagação de discursos de ódio e da violência simbólica tende a ser intensificada nesse ambiente, já que as barreiras de interação social entre os atores estão reduzidas, devido às características da rede. (AMARAL, p. 298, 2015)

Para todos os efeitos esse discurso violento busca exercer a dominação, reduzindo a potência linguageira do dominado, suprimindo suas diferenças, a fim de conseguir a hegemonização do

campo social antagonista (antifeminista). O discurso construído pelos antifeministas evoca a figura feminina tradicionalista (cuja delicadeza, vulnerabilidade e dependência do homem eram características fundamentais) e o faz com o intuito de rechaçar a figura da mulher feminista, muitas vezes retratada como masculinizada e imoral.

A seguir, alguns exemplos de como esse discurso é manifestado na página Anti-feminismo:



Figura 20: A associação da mulher feminista com a figura de homens de aparência desleixada e que também faz menção ao seu comportamento irreverente <sup>54</sup>



Figura 21: Comparativo da mulher feminista com um homem em termos de aparência e comportamento. <sup>55</sup>

<sup>54</sup>Disponível em:

<https://www.facebook.com/antifeminismo01/photos/a.558836090807608.128431.558832067474677/766189153405633/?type=3&theater>. Acesso em 12 de Agosto de 2017.

<sup>55</sup> Disponível em:

<https://www.facebook.com/antifeminismo01/photos/a.558836090807608.128431.558832067474677/1015581578466388/?type=3&theater>. Acesso em 30 de Agosto de 2017.

Analisando as figuras apresentadas, entendemos a inserção delas com o fim de invisibilizar e desmoralizar o feminismo. Retomando o conceito de antagonismo de Laclau (2015), no qual a existência do outro impede um sujeito de ater-se à sua própria identidade, entendemos que os antifeministas encaram a existência da mulher feminista como um fator ameaçador para o seu próprio modo de ser. A figura da mulher feminista representa independência, insubordinação à presença masculina, força e emancipação, características que as permitem competir em igualdade com homens em todas as esferas da sociedade. O homem que repudia a igualdade de gênero o faz porque todas as suas conquistas se deram graças à sua posição privilegiada no patriarcado.

A partir do momento em que o sujeito antifeminista existe em uma sociedade igualitária, sem a instituição da submissão feminina, ele se encontra munido de certas regalias típicas da sociedade machista, como a possibilidade de não precisar conciliar a paternidade com a jornada de trabalho, a preferência por seu gênero no mercado de trabalho, a isenção de realizar tarefas domésticas; entre muitas outras características que são responsáveis de maneira estrutural, por tudo o que ele é e tudo o que possui.

A mulher antifeminista, por sua vez, também teme a inviabilização de sua identidade em uma sociedade igualitária, pois encara o feminismo como um movimento impugnatório da existência da mulher como responsável pelo lar e dependente do homem<sup>56</sup>; esses fatores têm importância para ela, conforme identificamos nas bandeiras dos movimentos antifeministas no capítulo 1. Assim sendo, após apresentar nosso objeto de análise, seus contratos de comunicação e percursos passionais, propomos a seguir uma análise suplementar para expandir as óticas de compreensão acerca do antifeminismo nesta pesquisa.

---

<sup>56</sup> O feminismo, a rigor, visa somente a igualdade dos gêneros, de modo que todos os seres humanos tenham liberdade de escolha e equidade nas oportunidades.

## **Análise das extremidades do antifeminismo**

Quando falamos de situações limítrofes, fronteiriças, entendemos lidar não somente com os antagonismos de Laclau (2015) mas também com o conceito de *extremidades*, tema abordado pela comunicóloga Christine Mello (2004), ilustrado desta maneira: “se faz hoje presente no cotidiano concreto, não podendo ser considerado, portanto, um estado de exceção.” (MELLO, p. 121, 2016). A pesquisadora aponta a necessidade de estudar os extremos no campo da arte e comunicação, visando o seu surgimento que se dá na experiência contemporânea que ocorre nas fronteiras e atravessamentos entre espaços sociais e midiáticos.

As páginas da rede social facebook apresentadas anteriormente são um perfeito exemplo do cenário no qual se dão os atravessamentos entre extremos da vida pública e privada, entre espaços físicos e virtuais (espaços intersticiais). Entre o *on* e o *offline*, a pluralidade é posta em efervescência por meio da desconstrução, contaminação e compartilhamento, definidos como procedimentos poéticos que, de acordo com Mello (2016), nos permitem criar mecanismos de leitura de situações limítrofes.

Consideramos os posts dessas páginas que constituem nosso *corpus* analítico como produtos do regime de sentidos das extremidades, visto que sublimam limites em seu ato de viralização e compartilhamento, evidenciando e colocando em destaque crises e situações fronteiriças e provocando atravessamentos entre as esferas sociais e as linguagens midiáticas. Assim, justificamos a introdução deste tipo de análise, que nos permitirá compreender tudo o que aqui foi apontado a respeito da configuração caótica, contingente, pulverizada e reativa do antifeminismo das redes.

Como processo metodológico, analisamos os principais postulados desta agenda antifeminista, ou seja, seus pontos nodais, além de compreender a maneira pela qual sua articulação se dispõe atualmente e qual a relação estabelecida com os pontos nodais do discurso feminista tradicional. Para tanto, conforme mencionado, pensaremos a partir da leitura das extremidades, buscando nas relações entre os pontos nodais, a presença dos procedimentos de desconstrução, contaminação e compartilhamento, já que para Mello (2016)

eles assumem o papel de pontas extremas de um organismo interligado, novamente remetendo-nos ao campo discursivo do antifeminismo e seus mecanismos articulatórios:

Articulada pelos procedimentos da desconstrução, contaminação e compartilhamento, a leitura das extremidades busca contribuir, portanto, para a análise de fenômenos em constante transformação, trazendo, com isso, dimensões plurais da experiência contemporânea. A complexidade da leitura pode ser alcançada, desse modo, a partir das dobras entre grandes e pequenos campos, entre procedimentos poéticos que interrelacionam diversas práticas. Verificam-se, assim, uma rede de relações entre espaços sociais, circuitos e linguagens, assim como potencialidades artísticas ampliadas nessas relações. (MELLO, p.126, 2016)

Trazemos neste momento uma breve definição de cada um desses mecanismos, a começar pela *desconstrução* que visa a desmontagem de um significado com a finalidade de se obter outro: à medida que se nega determinado estado, sua representação é ressignificada. Já no procedimento da *contaminação* ocorre a potencialização de uma troca correspondente a seus contágios. Essa potencialização afeta necessariamente todas as áreas envolvidas em diálogo de maneira irreversível. Por fim, temos o vetor do *compartilhamento*, compreendido por Mello (2016) como o mais extremo mecanismo poético, à medida que só ocorre onde existe necessariamente “a transmutação, a partilha, de um formato em outro” (MELLO, p.126, 2016) O compartilhamento viabiliza o próprio mecanismo do contágio, ao passo que atua sobre a proliferação de significados.

Retomando as principais reivindicações antifeministas identificadas no capítulo primeiro, temos como pontos que receberam destaque nas mobilizações e debates os vetores: direitos iguais (representados pela ERA) e aborto. Já analisando o antifeminismo da contemporaneidade, nos deparamos com uma lista de eventos feministas singulares que receberam alta reatividade negativa e por isso, de alguma maneira, representam os pontos nodais do antifeminismo. Recordando os eventos temos a seguinte lista:

## 2014

- Eu Não mereço ser estuprada - Março de 2014
- Marcha das Vadias - Agosto de 2014

- Vagão Rosa - Julho/Agosto de 2014

## 2015

- Protestos contra a coleção Risqué Homens que amamos - Março de 2015
- Redação do Enem - Outubro de 2015
- Revoltas contra Cunha - PL 5069 - Outubro/ Novembro 2015

## 2016

- Dia das Mulheres - Março 2016
- Discurso de Lula - Mulher do Grelo Duro - Março 2016
- Protestos contra a cultura do estupro - Maio/Junho 2016
- #PrecisamosFalarSobreAborto - Setembro 2016

Percebemos ao analisar cronologicamente os eventos de 2014 que todos eles fazem parte de um tema comum: a preservação da integridade física da mulher. Embora a marcha das vadias tenha uma pauta um pouco mais abrangente, como a igualdade de direitos salariais e direito ao aborto, sua principal característica justamente é o modo pelo qual as mulheres se apresentam no ato, ou seja, despidas ou com poucas roupas, a fim de salientar que a vestimenta da mulher não é um convite ao homem ou um motivo para que ele se julgue no direito de tomar posse de seu corpo.

Neste caso, podemos relacionar estes eventos com o pilar da igualdade de direitos; no entanto, percebemos que para pensar o cenário nacional em termos de direitos igualitários, precisaríamos considerar uma grande desconstrução cultural conforme condições muito mais básicas para a própria existência da mulher em sociedade, tendo em vista todos esses eventos dizem respeito à violência física e material sofridas pelas mulheres todos os dias, colocando em risco sua vida e violando assim os próprios direitos humanos.

As reivindicações da ERA são as seguintes:

**Section 1. Equality of rights under the law shall not be denied or abridged by the United States or by any state on account of sex.**

*Seção 1. A igualdade de direitos sob a lei não deve ser negada ou abreviada pelos Estados Unidos da América ou por nenhum estado, por conta do gênero.*

**Section 2. The Congress shall have the power to enforce, by appropriate legislation, the provisions of this article.**

*Seção 2. O Congresso deve ter o poder de reforçar, por meio de legislação apropriada, as provisões deste artigo.<sup>57</sup>*

Encontramos ainda o vetor da contaminação da ERA no Brasil, que em sua própria legislação, estabelece medidas com a finalidade de assegurar a igualdade de direitos entre gêneros, como a Lei Maria da Penha e a Lei do Feminicídio. No entanto, devemos ressaltar a criação dessas leis por haver no país um desequilíbrio estrutural muito mais primário do que o de direitos trabalhistas ou de papéis sociais: um desequilíbrio referente, novamente, à violação da integridade física e da própria vida da mulher. Em uma tentativa de nivelar esse desequilíbrio foram desenvolvidas essas medidas legais que são duramente criticadas nas páginas antifeministas.

As páginas antifeministas desconstroem, portanto, o significado destas medidas como necessárias para a instauração da igualdade de gêneros e asseguradoras da totalidade da existência da mulher. O significado é reconstruído a partir do argumento de que essas medidas são vitimistas e buscam conferir à mulher privilégios legais sobre a palavra masculina. Por fim, essa noção é compartilhada em diversas postagens e comentários nas páginas analisadas, sacramentando o processo de proliferação dos discursos antifeministas.

No ano de 2015, temos a percepção de que tanto o evento de revoltas contra a coleção de esmaltes Risqué 'Homens que Amamos', quanto o tema de redação do ENEM “A persistência da violência contra a mulher na sociedade brasileira”, relacionam-se novamente ao pilar dos direitos iguais. O tema da redação do ENEM novamente incita o questionamento acerca do desrespeito à integridade da mulher, sucedidos de maneira física e simbólica. A proposta de debater esse tema ocorreu poucos meses após a aprovação da lei do feminicídio, o que demonstra um ganho de espaço midiático pelas pautas feministas.

---

<sup>57</sup>Disponível em: <http://www.equalrightsamendment.org/>. Acesso em 02 de Fevereiro de 2018.

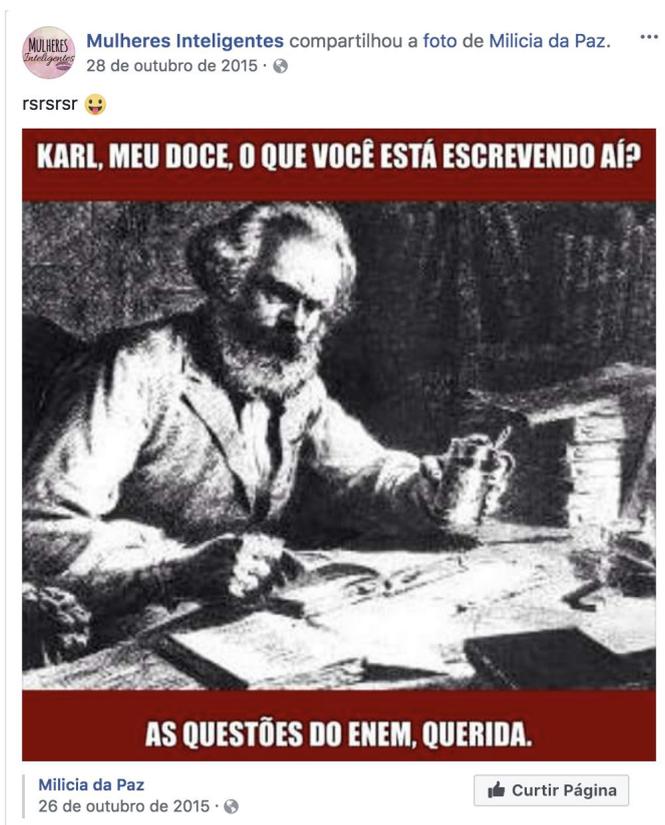


Figura 22: Post da página Mulheres inteligentes, relacionando o tema do ENEM à doutrinação comunista.<sup>58</sup>

Investigando algumas das reações antifeministas a este evento, podemos perceber que a proposição de pensar as pautas feministas no ambiente acadêmico foi encarada como tentativa de doutrinação, demonstrando novamente uma desconstrução do intento de trazer essas pautas à tona. Vemos, nesse movimento de tentar desconstruir e remontar o significado do tema da redação do ENEM, o processo de contaminar esse tópico com uma conotação negativa e, posteriormente, compartilhar e disseminar esse modo de pensar na rede social. Conseqüentemente, temos um efeito ulterior dessa mobilização em rede: a proposição de diversos projetos de lei contra a doutrinação ideológica nas escolas, endossados pelo movimento Escola Sem Partido, cuja descrição postula :

A pretexto de transmitir aos alunos uma `visão crítica` da realidade, um exército organizado de militantes vestidos de professores prevalece-se da liberdade de cátedra e da cortina de segredo das salas de aula para impingir-lhes a sua própria visão de mundo.<sup>59</sup>

<sup>58</sup>Disponível em: <https://www.facebook.com/mulher.mulher.inteligente/posts/1204973886196231>. Acesso em 11 de Setembro de 2016.

<sup>59</sup> Disponível em: <http://www.escolasempartido.org/quem-somos>. Acesso em 12 de Outubro de 2017.

Esse movimento existe desde 2004 e ganhou grande repercussão na mídia após o ENEM 2015, pois desde as reações adversas ao tema de redação, uma ampla divulgação de projetos de lei foi realizada, culminando no ano de 2016 com a instauração do programa Escola Sem Partido no estado de Alagoas. Temos com esse evento um exemplo de mobilização no ambiente virtual, ocorrido conforme a dinâmica reconhecida do discurso antifeminista das redes: pulverizada, irregular e individualizada, mas com o advento de uma cadeia de efeitos cujo resultado final foram alterações no próprio sistema legal do país.

Já o terceiro evento feminista de 2015 que recebeu mais repúdio por parte dos antifeministas, as revoltas contra o PL 5069, é o primeiro dos eventos reunidos em ordem cronológica relacionado exclusivamente ao tema do aborto, segundo principal vetor das pautas antifeministas. Vimos que este projeto de lei visava impedir medidas de profilaxia (já garantidas em lei) contra a gravidez, inclusive em casos de estupro. Esse ato privaria duplamente as mulheres do poder sobre seus próprios corpos, pois em caso de estupro, ou seja, posse corporal não-consensual sobre a mulher, uma possível gravidez indesejada decorrente deste ato seria irreversível.

Os antifeministas todavia, manifestaram seu apoio à lei, que dificultava o acesso a estas medidas profiláticas, pois as descrevem como assassinatos. Essa concepção não se estende apenas a esse evento específico, mas permeia todo o embate que já se deu acerca do aborto. Desde o início das discussões sobre esse tema, as antifeministas defendem a noção de aborto como, sob qualquer instância, um crime contra a vida. É válido ressaltar que essa noção está fortemente alicerçada em princípios da moral religiosa e que a religião foi e continua sendo na contemporaneidade um aspecto fundamental na vida dos antifeministas.



Figura 23: Post da página Mulheres Contra o Feminismo, mostrando imagens de antifeministas em uma passeata a favor do PL 5069<sup>60</sup>

Partindo de todos os eventos já analisados até o momento, percebemos a existência do seguinte padrão da poética das extremidades: 1) os antifeministas desconstruem o significado de determinado evento ou bandeira feminista; 2) o significado é contaminado por concepção negativa e remontado como algo nocivo aos padrões da sociedade tradicional e 3) esse novo significado é compartilhado em posts e comentários entre membros da própria página em primeira instância e em segunda instância é viralizado para toda a rede *Facebook* e posteriormente para outras redes sociais diversas, sejam elas virtuais ou não.

Para os eventos de grande repercussão do ano seguinte (2016), temos três dos eventos atribuídos à área da igualdade de direitos: o dia das mulheres de 2016, o discurso de Lula sobre mulheres de grelo duro e os protestos contra a cultura do estupro. Um quarto evento, a mobilização virtual #PrecisamosFalarSobreAborto, como diz o próprio nome, faz parte da seara do aborto. Entendemos que entre esses quatro eventos, três deles assemelham-se ao que já foi aqui colocado em termos dinâmicos, ou seja: um argumento que é mal entendido, contaminado de conotação negativa, remontado e compartilhado.

Os eventos aos quais nos referimos são: 1) o discurso de Lula compreendido como machista quando na verdade tratava-se de uma expressão idiomática e não uma tentativa de objetificar

---

<sup>60</sup> Disponível em: <https://www.facebook.com/MulheresContraoFeminismo/photos/a.559939144099459.1073741829.299252103501499/946453615448008/?type=3&theater>. Acesso em 11 de Setembro de 2016.

a mulher; 2) a mobilização #PrecisamosFalarSobreAborto que buscava justamente desconstruir a noção criminosa talhada sobre o aborto e 3) a não aceitação do termo 'cultura do estupro' por parte dos antifeministas, defendendo que o estupro sempre foi tido como algo errado e criminalizado, não devendo ser encarado de modo diferente de qualquer outro crime ocorrido na sociedade.

No entanto, julgamos relevante a atenção dada para o movimento no dia das mulheres em 2016, especificamente nas páginas antifeministas femininas: estabeleceu-se uma mobilização que buscava ressignificar o dia das mulheres, tido como tradicionalmente uma ocasião feminista, para uma ocasião que permitisse, às mulheres conservadoras, uma manifestação contra o aborto. Tanto na página Mulheres Inteligentes, quanto na página Mulheres Contra o Feminismo, foi proposta a utilização de uma moldura na foto de perfil com os seguintes dizeres: “Dia das Mulheres Contra o Aborto - #DigaNÃOaoABORTO”, conforme figura a seguir:



Figura 24: Post da página Mulheres Contra o Feminismo, convocando seus seguidores a utilizarem a moldura na foto de perfil do *Facebook*.<sup>61</sup>

Percebemos nessa mobilização uma questão inédita até então: a mobilização organizada a partir de práticas e recursos da própria rede. No texto descritivo dessa imagem, vemos que essa iniciativa parte como uma reação competitiva à mobilização feminista de colocar molduras na foto de perfil com o tema do Dia da Mulher: “ Não podemos deixar que isso

<sup>61</sup> Disponível em:

<https://www.facebook.com/MulheresContraoFeminismo/photos/a.559939144099459.1073741829.299252103501499/1002049236555112/?type=3&theater>. Acesso em 11 de Setembro de 2016.

aconteça. O filtro delas já tem mais de 30 mil compartilhamentos no Twibbon, vamos ultrapassá-las.”

Não coincidentemente, é possível identificar na própria ordem cronológica das reações aos eventos apresentados, um movimento de adequação dos antifeministas às plataformas da rede em que se manifestam. Tal adequação e exploração dos recursos proporcionados pela rede é um ponto no qual feministas encontram-se em estágio mais evoluído: organizando eventos físicos e também viradas digitais que funcionam somente por meio de Hashtags. Percebemos que o feminismo, enquanto movimento atuante nas redes, é mais estruturado e mobilizado do que o antifeminismo, como já colocado previamente, pois possui uma dinâmica de distribuição e atuação díspar e irregular.

Não obstante, é possível identificar, ainda que lentamente, um movimento de estruturação antifeminista crescente, tornando o atual cenário político cada vez mais endossado por partidos de ideologia política conservadora e reacionária, partidos que têm uma ampla gama de mecanismos metodicamente planejados com o intuito de tornar seu discurso hegemônico e suturar campos sociais. Com estes fatores em questão, entendemos que o antifeminismo é um movimento inclinado a se organizar e se expandir cada vez mais, podendo inclusive fazê-lo através de variadas plataformas através de discursos políticos.

Julgamos neste momento esclarecidos os percursos passionais e narrativos, os contratos comunicacionais e os pontos focais (ou nodais) do discurso antifeminista e propomos a seguir uma série de considerações finais e proposições de expansão desta pesquisa, complementados por alguns dados coletados ao longo deste processo.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Inicialmente, gostaríamos de revisitar a proposta deste estudo e os recursos empregados em cada momento a fim de atingi-la. Assim sendo, retomamos que esta pesquisa teve como objetivo primordial identificar e compreender os discursos antagônicos ao feminismo na rede social *Facebook*. Para tanto, foi empregada a seguinte metodologia:

1. contextualizar o movimento antifeminista historicamente a partir de uma pesquisa bibliográfica que permitisse compreender as principais motivações e disposições do antifeminismo enquanto movimento politicamente estruturado;
2. mapear as páginas antifeministas vigentes no *Facebook* no intervalo de análise sugerido para a pesquisa (2014-2017) e estabelecer um método de coleta e filtragem de dados que permitisse identificar quais os pontos nodais do antifeminismo nestas páginas e, por fim;
3. analisar os pontos nodais obtidos e compará-los com aqueles identificados na pesquisa histórica, além de complementar as resoluções com a análise das extremidades.

Em um primeiro momento, o estudo transcorreu seguindo a lógica já estabelecida para qualquer tipo de pesquisa bibliográfica, ou seja, foram apresentados diversos autores cujas obras conversam com o tema proposto e, fundamentado na compreensão de suas teorias, foi explanado o antifeminismo enquanto ideologia, suas origens, suas motivações e como ele se organizou em movimento politicamente estruturado. Inicialmente apresentamos o antifeminismo no contexto norte-americano, tendo em vista que de lá vieram os estudos iniciais a respeito desse tema e também considerando a forte influência da cultura estadunidense no Brasil.

Com base nas informações obtidas nesse estágio da dissertação, compreendemos que o antifeminismo apresenta dois grandes vetores temáticos relacionados à maneira pela qual exprime sua aversão ao feminismo: oposição aos direitos iguais e ao aborto. Esses vetores foram identificados com base na análise do cenário estadunidense, mas posteriormente, passando para a contextualização do movimento em esfera nacional, percebemos que é

possível a identificação destas mesmas motivações. Além disso, pudemos compreender de que maneira a estruturação do Brasil enquanto nação outrora colonizada e inicialmente escravocrata, contribuiu para que sua cultura fosse pautada no patriarcalismo, na religião e no elitismo moralista e conservador.

Postas essas noções que constituem a compreensão acadêmica acerca do que é o movimento antifeminista, surgiu a proposta de realizar um movimento comparativo entre o que foi identificado no capítulo primeiro deste estudo (com abordagem histórica) e o que é proferido contemporaneamente a respeito dessa ideologia. Com isso, concluímos que a coleta de dados deveria ser realizada em uma rede social, visando o poder de influência e de difusão de discursos típicos do coletivo virtual apresentados na atualidade. A rede social escolhida para extração de dados foi o *Facebook*, com base em sua predominância enquanto rede social utilizada nacional e internacionalmente.

Uma vez estabelecido o universo a ser investigado, foi selecionado um *corpus* de análise: as páginas antifeministas. Essas páginas ou *fanpages* foram identificadas em pesquisa exploratória somando um conjunto de 19 ao total. Dessas 19 páginas foram selecionadas 3 para uma extensa pesquisa de postagens. O critério de seleção das 3 principais *fanpages* baseou-se em dois vetores: quantidade de seguidores e frequência de postagem; primeiramente foram escolhidas as páginas com maior número de seguidores para que só então fosse feita uma conferência de assiduidade mínima mensal de postagens.

Ambos os critérios justificam-se a partir do pressuposto de que a intenção primordial deste capítulo era identificar os principais eventos do feminismo que obtiveram reação negativa por parte dos antifeministas. Logo, percebemos a necessidade de uma amostra com representatividade em termos de quantidade de pessoas, além de termos de reação perene a todos os eventos significativos do feminismo gerados no intervalo proposto para análise: 2014 - 2017.

Tal intervalo foi sugerido pelo entendimento de que o movimento feminista teve grande aumento de protagonismo na internet e redes sociais. Conforme apontado pelo coletivo feminista Think Olga: “Entre Janeiro de 2014 e Outubro de 2015, as buscas por ‘feminismo’ e

‘empoderamento feminino’ cresceram 86,7% e 354,5% respectivamente”<sup>62</sup>. Com a coleta de posts em 2017 e a finalização desta pesquisa no ano seguinte, obtivemos o distanciamento necessário para que fosse possível acompanhar todo o processo das repercussões dos eventos identificados, ou seja, o processo de surgimento, ápice e deposição de uma viralização.

A metodologia de apresentação desse *corpus* é apresentada seguinte maneira: inicialmente foi exposta uma tabela geral, com todas as 19 páginas consideradas, para que pudessem, em seguida, ser selecionadas aquelas que obedecessem nossos critérios de frequência e quantidade de seguidores. Definidas as três *fanpages* em questão, foi proposto o seguinte procedimento para cada uma delas: 1) breve apresentação, contendo informações sobre sua proposta ideológica e sua participação no Facebook (número de seguidores, data de criação, etc); 2) Tabela com cada evento feminista que recebeu reação negativa por parte da página, separando-os por ano. 3) Tabela assinalando a quantidade de posts emitidos acerca de cada evento em questão, com a finalidade de mensurar a intensidade e relevância da reação.

Uma vez repetido o processo para todas as páginas, deparamo-nos com dados quantitativos diversos e sugerimos, com a finalidade de organizá-los e entender qual a relação existente entre eles, um cruzamento de conteúdos. Entendemos que este cruzamento deveria ser exposto de modo objetivo e, para cumprir esse propósito, aventamos uma apresentação de duas maneiras: a primeira com uma grande tabela e a segunda com uma linha do tempo. A tabela em questão condensava a união de todas as tabelas com mensurações de reações a posts. Expostas lado a lado, possibilitaram a visualização de dois fatores essenciais: o primeiro sendo quais eventos que continham reações em mais de uma página e o segundo sendo quais eventos receberam reações elevadas.

Os ditos fatores essenciais foram utilizados (ambos) como critérios de seleção para os eventos mais representativos da reatividade antifeminista e, uma vez listados estes, foi possível a elaboração da linha do tempo com o que passamos a considerar os pontos nodais do discurso antifeminista no *Facebook*. Para finalizar o capítulo segundo, foi sugerida uma descrição mais

---

<sup>62</sup> Disponível em: <https://thinkolga.com/2015/12/18/uma-primavera-sem-fim/>. Acesso em 12 de Abril de 2016.

detalhada de cada um dos eventos, baseados em pesquisa exploratória em portais de notícias na internet.

O terceiro e último capítulo da dissertação teve como principal intento a análise teórica de todas as informações coletadas e apresentadas no capítulo anterior. Para cumprir essa finalidade, a teoria do discurso de Laclau (2015) provou-se como prisma analítico ideal, ao passo que alvitra a existência de pontos nodais, discursos hegemônicos e antagonismos de poder, elementos apresentados extensivamente tanto em contexto histórico do antifeminismo, quanto ao movimento antifeminista no *Facebook*. Desde sua concepção, esse trabalho propôs justamente o estudo de um antagonismo, o que torna tal teoria do discurso um conjunto de pressupostos que juntos moldaram toda a constituição dessa pesquisa, ao mesmo tempo que um mecanismo de análise.

Isso posto, iniciamos o último capítulo postulando os principais conceitos da teoria discursiva, embora já tenhamos abordado muitos deles no capítulo anterior. Buscamos enxergar além da simples aplicação da teoria discursiva em nosso *corpus*, pois julgamos essencial o entendimento da relação existente entre o antifeminismo apresentado em contexto histórico e aquele identificado com base em pesquisa exploratória nas páginas escolhidas. Essa relação provou-se recheada de percursos comunicacionais diversos de um movimento para o outro e para melhor compreendê-los, propusemos enxergá-los a partir do exame dos contratos de comunicação, da semiótica tensiva e da análise do acontecimento.

Munidos dessas linhas argumentativas, entendemos que o movimento antifeminista no *Facebook* configura-se e atua a datar das dinâmicas próprias do ciberespaço e que esse *modus operandi* necessariamente é mais difuso, individualista e passional do que o antifeminismo apresentado no primeiro capítulo. Com essa constatação em mente, remetemos o processo analítico à teoria das poéticas das extremidades, de Mello (2004), que nos permitiu identificar com ainda maior precisão, os processos do antifeminismo no *Facebook*.

Deparamo-nos, após análise das extremidade de diversos eventos em ordem cronológica, com um comportamento que pudemos julgar como sendo típico do movimento antifeminista no *Facebook*. Essa conclusão foi tomada no momento em que notamos a repetição de um padrão

de reações aos eventos analisados. As reações aos eventos em questão, advindas das antifeministas, seguiam o seguinte processo: 1) busca pela desconstrução de significado do evento ou discurso feminista em algo negativo 2) ressignificação deste evento ou discurso 3) compartilhamento desse novo significado nas páginas antifeministas e 4) divulgação em massa por parte dos seguidores dessas páginas.

### **Comprovação das Hipóteses**

Uma vez revisitado todo o método empregado para a realização desta pesquisa e para a busca dos objetivos primordialmente propostos, resta a retomada das hipóteses, colocadas no início desse estudo, a fim de verificar até que ponto elas se realizaram, visto que agora temos extensa compreensão do objeto de análise.

Retomando as hipóteses sugeridas temos:

1. Tendo em vista que a retórica da família tradicional brasileira, amparada pelo Estado e pela Igreja se fortalece em um presente momento de crise econômica e polarizações políticas no país, consideramos que o discurso antifeminista contemporâneo é amparado pelos movimentos tradicionalistas de direita e encontra um cenário favorável conforme esse pólo se faz presente na política e na opinião pública.
2. O discurso antifeminista, negligencia as pautas do feminismo, partindo da premissa de que o movimento busca a supressão e a inferiorização do masculino e que certas conquistas de igualdade de gênero não são frutos da luta feminista.
3. O feminismo enquanto movimento, possui diversas ramificações e frentes heterogêneas entre si, de modo que os antifeministas apropriem-se de alguns de seus discursos específicos cuja abordagem é mais radical e/ou impactante para a sociedade, a fim de classificar o feminismo como um todo representado por essas frentes, com a intenção de desmoralizá-lo e deslegitimá-lo.

O resultado com o qual nos deparamos é de que todas essas proposições apresentam coerência e podem ser facilmente fundamentadas como conclusões a partir dos resultados obtidos nesta

pesquisa. Respectivamente, validamos a seguir os argumentos, com base nos resultados obtidos ao longo deste estudo:

1. Atualmente, o Congresso Nacional é representativamente integrado por uma frente de políticos com fortes valores religiosos, morais e conservadores. A este coletivo, popularmente é dado o nome de bancada evangélica. A atuação deste grupo em proposição e votação de leis é completamente conservadora e voltada para o autoritarismo e favorecimento das elites em detrimento das minorias. Tais posturas obedecem ao posicionamento político direitista, como apontado na hipótese em questão.

Conforme identificamos na análise do *corpus*, o movimento feminista vêm manifestando sua indignação frente às medidas endossadas por essa bancada, e a repercussão desses acontecimentos no âmbito antifeminista pôde ser igualmente percebida com reação de protestos frente a eventos identificados como as revoltas feministas contra a PL 5069 e ao tema do ENEM 2015. Com isso, é possível perceber que as pautas do antifeminismo contemporâneo alimentam-se de acontecimentos políticos, ao passo que ocorre também o movimento reverso: os acontecimentos políticos são fomentados por manifestações antifeministas, como pudemos identificar na ascensão e conquistas legais do movimento conservador "escola sem partido" a datar das revoltas geradas com o tema supostamente doutrinador da redação do ENEM 2015.

À medida que reunimos as 19 páginas de nosso *corpus*, foi possível delimitar facilmente algumas vertentes temáticas como: homens contra o feminismo, mulheres contra o feminismo, valores tradicionais e morais relacionados à família e à religiosidade. Esses fatores evidenciam a ligação indissociável existente entre os prismas: religião, política e valores pessoais na vida dos sujeitos antifeministas. Esse conjunto de princípios é também tomado como base pelos políticos da bancada evangélica, que governam em prol da moral, da igreja e da manutenção do *status quo* da família tradicional, desconsiderando a laicidade e heterogeneidade do Estado Brasileiro.

As medidas sancionadas pela bancada religiosa são aprovadas pelas antifeministas, pois permitem que seu prisma de valores seja mantido, ou seja, a validação e favorecimento legal dos princípios antifeministas verificados na política endossa substancialmente sua atuação e potencializa o sentimento de impunidade que os proferidores de discursos odiosos e preconceituosos já obtém com o uso das redes sociais. Entretanto, o empoderamento dos sujeitos conservadores faz com que sua voz seja mais ouvida e o apoio manifestado a políticos conservadores (protagonizado massivamente nas redes sociais) recebe mais importância, fortalecendo-os. Portanto, a política e o antifeminismo no Facebook podem ser considerados elementos retroalimentadores.

2. e 3. Ambas proposições podem ser facilmente adequadas ao processo identificado a partir da análise das extremidades. Tanto a tentativa de desmoralizar a luta feminista, encarando-a como busca pela extinção de direitos masculinos, quanto o movimento de isolar certos discursos do movimento feminista com a finalidade de distorcer suas propostas, são procedimentos que seguem a lógica estabelecida de 1) desconstrução 2) ressignificação, 3) divulgação e 4) compartilhamento. Essa percepção é um elemento fidedigno de nossa metodologia e dos padrões que pudemos identificar, agregando legitimidade aos resultados obtidos nesse estudo.

### **Sugestões para futuros desdobramentos**

Ao longo da elaboração dessa pesquisa, percebemos que se estabeleceu, como medida necessária para seu avanço, o desenvolvimento de uma metodologia própria, ao lado de outras metodologias por nós adotadas. A metodologia em questão apresenta-se de modo inédito no capítulo segundo e embasada em teorias existentes no capítulo terceiro, tais como a teoria discursiva, análise das extremidades, análise do acontecimento, semiótica tensiva e das paixões e teorias ciberculturais. A impressão final ao término dessa pesquisa é de que o método proposto pode ser futuramente explorado e desenvolvido, à medida que se apresenta como uma proposta metodológica relevante para outras pesquisas fundamentadas em discursos antagonistas nas redes sociais.

A pesquisa acadêmica é progressivamente afetada pela cibercultura, seja em seus objetos de estudo contemporâneos diretamente moldados por ela; ou ainda pelos procedimentos realizados no movimento de pesquisa, coleta dados e até análise. É natural que o estudo na atualidade dependa parcial ou totalmente do universo digital e, mais do que isso, é indispensável considerar pesquisadores acadêmicos de qualquer área como indivíduos inseridos na era digital. Assim, seus modos de organização do pensamento cada vez mais obedecem à lógica aqui apresentada: individuada, multicompartimentada e simultânea.

A proposição aqui posta de se estabelecer metodologias adequadas à era digital, é algo já identificado por outros pesquisadores, como Saad e Carlan (2017), que compreendem a demanda por novos procedimentos ao analisar objetos contemporâneos e voltam sua pesquisa para a finalidade de reconhecê-los e validá-los. Deste modo, ratificamos a possibilidade de execução de tudo o que aqui foi sugerido, mediante orientação e estrutura adequadas.

### **Observações Complementares**

Conforme apontado em nossa primeira hipótese, o atual cenário político brasileiro apresenta uma insurgência de discursos de direita, que visam reduzir direitos e implantar um ultraliberalismo. Esse contexto apresenta uma oportunidade para que figuras emblemáticas se enunciem no cenário político, trazendo consigo o pretexto de propostas revolucionárias que conseguirão reestabelecer a união e suturar a sociedade. Encantando através do apelo emocional os cidadãos desiludidos com o sistema político, essas figuras possuem a capacidade de direcionar a frustração generalizada da sociedade para um alvo em comum. Trazendo consigo a proposta da união contra determinado inimigo, essas personalidades conseguem instaurar um sentimento acolhedor e perdido de pertencimento à comunidade que está do “lado certo” da luta por um país melhor.

Considerando os acontecimentos políticos sucedidos posteriormente à esta data, presenciamos a eleição presidencial de um político que assume este papel de figura mítica, a tal ponto que seus apoiadores o chamem literalmente de “mito”. O candidato em questão, Jair Bolsonaro, ascendeu vertiginosamente entre a população com a proposta de uma liderança firme, inovadora, que iria unir o país mas que contraditoriamente se faz pautada em autoritarismos e

militarismos, ou seja, ideologias excludentes das minorias e parcelas menos favorecidas da sociedade.

Seu contato com os eleitores foi estabelecido primordialmente por meio de recursos digitais, nos quais muitas vezes houve divulgação de discursos extremistas e incoerentes, que foram viralizados em dinâmicas típicas do universo digital aqui apresentadas. Estes discursos surtiram grande efeito na população de modo que público impactado por essa retórica engajou-se espontaneamente na defesa passional dessa figura, demonstrando que ao passo que podem provocar o isolamento e individuação na sociedade, as mídias digitais também viabilizam mobilizações de alto engajamento.

Todos os fatores aqui apresentados como estimulantes dos discursos antifeministas (ausência de líderes políticos, individuação dos usuários das redes, a prevalência do discurso de ódio e sensação de impunidade por anonimato) podem ser identificados como mecanismos que potencializam a extremação e engajam os indivíduos no processo de construção de alegorias salvadoras da pátria. Este movimento representa uma elevação inédita no processo de polarização política, que não somente pode ser considerado potencializado pelas redes, mas sim encarado como um resultado das mesmas.

Por fim, gostaríamos de frisar a relevância do tema deste estudo no atual cenário político nacional, tendo em vista tudo o que foi acima explanado. Observamos que a época de realização dessa dissertação foi extremamente oportuna, ao passo que um registro contemporâneo que se utiliza de métodos precisos e teorias legitimadas se faça essencial para combater discursos fomentados na pós-verdade, além de validar sob um prisma acadêmico a representatividade dos efeitos de acontecimentos decorrentes da polarização política e do discurso de ódio.

## ANEXOS

### ANEXO A - POSTS COLETADOS PARA ANÁLISE DO *CORPUS*

#### Anti-Feminismo

2014

Não mereço ser estuprada

Marcha mundial das mulheres

Marcha das Vadias

Vagão Rosa

#### Não mereço ser estuprada



#### Não mereço ser estuprada



#### Marcha Mundial das Mulheres



#### Marcha das Vadias



## Vagão Rosa



## 2015

Redação do ENEM

Revoltas contra Cunha - PL 5069

Operação Lava-Jato/Governo Dilma

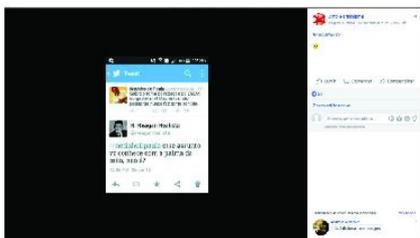
## Redação do Enem



## Redação do Enem



## Redação do Enem



## Revoltas contra Cunha - PL 5069



## Revoltas contra Cunha - PL 5069



## Revoltas contra Cunha - PL 5069



## Revoltas contra Cunha - PL 5069



## Operação Lava-Jato/Governo Dilma



## 2016

- Divulgação Nota do Enem 2015
- Revolta Short Curto nas escolas
- #soufeministaporque
- Dia das Mulheres
- Discurso de Lula - mulher do grelo duro
- Bela Recatada e do Lar
- Protestos contra a cultura do estupro
- Lei do descanso para mulheres no trabalho
- #PrecisamosFalarSobreAborto
- Protestos Anti-Trump
- Loja de móveis Alezzia

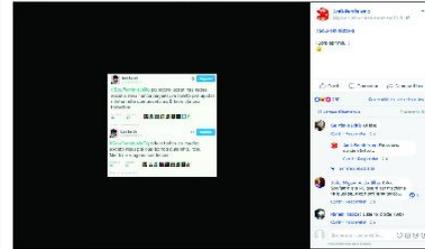
## Divulgação Nota Enem 2015



## Revolta Short Curto nas escolas



## #soufeministaporque



## Dia das Mulheres



## Discurso de Lula - mulher do gelo duro



## Bela Recatada e do Lar



## Protestos contra a cultura do estupro



## Protestos contra a cultura do estupro



## Protestos contra a cultura do estupro



## Protestos contra a cultura do estupro



## Protestos contra a cultura do estupro



## Protestos contra a cultura do estupro



## Protestos contra a cultura do estupro



## Protestos contra a cultura do estupro



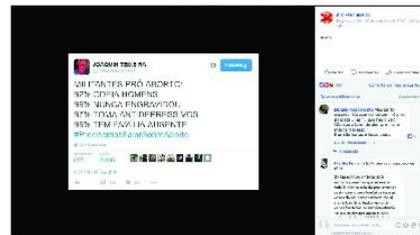
## Protestos contra a cultura do estupro



## Lei do descanso para mulheres no trabalho



## #precisamosfalarsobreaborto



## #precisamosfalarsobreaborto



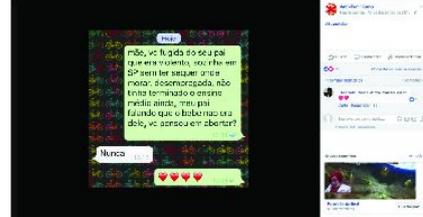
## #precisamosfalarsobreaborto



### #precisamosfalarsobreaborto



### #precisamosfalarsobreaborto



### #precisamosfalarsobreaborto



### #precisamosfalarsobreaborto



### #precisamosfalarsobreaborto



### Protestos Anti-Trump



## Loja de móveis Alezzia



## Loja de móveis Alezzia



2017

Protestos contra o governo majoritariamente masculino de Temer

Sucesso de Pablo Vittar -  
Desconstrução de gênero

## Protestos contra o governo majoritariamente masculino de Temer



## Sucesso de Pablo Vittar



# Mulheres contra o feminismo

2014

Eu não mereço ser estuprada

Marcha das Vadias

Vagão Rosa

Atos para a descriminalização do aborto

Protestos contra a Coleção Risqué Homens que amamos

Eu não mereço ser estuprada



Marcha das Vadias



Marcha das Vadias



Marcha das Vadias



Marcha das Vadias



## Marcha das Vadias



## Marcha das Vadias



## Vagão Rosa



## Atos para a descriminalização do aborto



## 2015

Protestos contra a coleção de esmaltes da Risqué Homens que Amamos

Campanha para a legalização do aborto com atores da Globo

Revoltas contra Cunha - PL 5069

## Protestos contra a Coleção Risqué Homens que amamos



### Protestos contra a Coleção Risqué Homens que amamos



### Protestos contra a Coleção Risqué Homens que amamos



### Protestos contra a Coleção Risqué Homens que amamos



### Protestos contra a Coleção Risqué Homens que amamos



### Protestos contra a Coleção Risqué Homens que amamos



### Protestos contra a Coleção Risqué Homens que amamos



### Campanha pra legalização do aborto com atores da Globo



### Revolta contra Cunha - PL 5069



### Revolta contra Cunha - PL 5069



### Revolta contra Cunha - PL 5069



### Revolta contra Cunha - PL 5069



### Revolta contra Cunha - PL 5069



## Revoltas contra Cunha - PL 5069



## Revoltas contra Cunha - PL 5069



## Revoltas contra Cunha - PL 5069



## Revoltas contra Cunha - PL 5069



2016

Dia da Mulher

Discurso de Lula - mulher do grelo duro

Bela, Recatada e do Lar

Impeachment Dilma

## Dia da Mulher



## Dia da Mulher



## Discurso de Lula - mulher do gelo duro



## Discurso de Lula - mulher do gelo duro



## Bela, Recatada e do Lar



## Impeachment Dilma



## #eunaomereçoserestuprada



2017

Escritora feminista abusada por motorista de Uber

Performance com artista nu

## Escritora feminista abusada por motorista de Uber



## Performance com artista nu



## Mulheres Inteligentes

2014

Pesquisa de opinião sobre estupro - protesto #nãomereçoserestuprada

## Pesquisa de opinião sobre estupro - protesto #nãomereçoserestuprada



Pesquisa de opinião sobre estupro - protesto #nãomereçoserestuprada



Pesquisa de opinião sobre estupro - protesto #nãomereçoserestuprada



2015

Enem 2015

Revoltas contra Cunha - PL 5069

Enem 2015



Enem 2015



Revoltas contra Cunha - PL 5069



### Revoltas contra Cunha - PL 5069



### Revoltas contra Cunha - PL 5069



## 2016

- Dia da Mulher
- Discurso de Lula - Mulher do Grelho Duro
- Estupro Coletivo
- Bela, Recatada e do Lar
- Projeto de Lei - Legalização do aborto

## Dia da mulher



## Dia da mulher



## Discurso de Lula - Mulher do Grelho Duro



## Bela, Recatada e do Lar



## Bela, Recatada e do Lar



## Estupro Coletivo



## Projeto de Lei - Legalização do aborto



## 2017

Marcha das mulheres e greve feminista - Ni Una a Menos

Protesto na marcha feminista de Buenos Aires (Dia internacional da mulher) - Encenação Nossa senhora abortando Jesus

Banheiros inclusivos

## Marcha das mulheres e greve feminista - Ni Una a Menos



## Protesto na marcha feminista de Buenos Aires (Dia internacional da mulher) - Encenação Nossa senhora abortando Jesus



## Banheiros inclusivos



## BIBLIOGRAFIA

AMARAL, A. & COIMBRA M.. **Expressão de ódio nas redes sociais: o universo dos haters no caso #eunaomerecoserestuprada**. 1. ed Contemporânea - Revista de comunicação e cultura. Universidade Federal da Bahia, p.294-310, maio-agosto 2015.

AMARAL, A. & BARBOSA, C. & POLIVANOV, B. **Subculturas, re(a)apresentação e autoironia em sites de rede social: o caso da fanpage “gótica desanimada” no Facebook**. Revista do Programa de Pós-Graduação em Comunicação. Universidade de Juiz de Fora, Vol 9, dez 2015.

AMARAL, A. **Manifestação da performatização do gosto nos sites de redes sociais: uma proposta pelo olhar da cultura pop**. Revista e Copôs, n.3, v.17, 2014.

AMARAL, A. **Redes sociais, linguagem e disputas simbólicas**. Campinas, ComCiência n.131, 2011

BAKHTIN, M. (VOLOCHÍNOV) (1929) **Marxismo e filosofia da linguagem**. 3. ed. São Paulo: Hucitec, 1986.

BARONAS, R. L. & SIQUERI, M. S. **Derrisão em caricaturas políticas: observações sobre interincompreensão intersemiótica**. In: NOLASCO, E. C. & GUERRA, V.M.L. (orgs) *Discurso, Alteridades e Gênero*. São Carlos: Pedro e João Editores, 2006.

BARROS, D. **Teoria semiótica do texto**. São Paulo: Ática, 2003.

BENJAMIN, W. *Der Irrtum des Aktivismus*, in: G.S., p.350-352. Resenha do livro de Kurt Hiller, *Der Sprung ins Helle (O Salto para Dentro da Luz - Discursos, cartas abertas, ensaios, teses, panfletos contra a guerra, o clero e o capitalismo)*, Leipzig, Ed. W.R. Lindner, 1932. Trad. Willi Bolle.

BENTES, I. **A memética e a era da pós-verdade**, São Paulo: Revista Digital *Cult*, 31 out. 2016. Disponível em: <http://revistacult.uol.com.br/home/a-memetica-e-a-era-da-pos-verdade/>, acesso em: 07 de março de 2017.

BERALDO, B. **Lugar de mulher: uma abordagem histórica sobre a participação feminina nas manifestações de ativismo juvenil no Brasil**, Léon: Revista *Cuestiones de género: de la igualdad y la diferencia*. n. 11, p. 23-36, 2016.

BUTLER, J. **Relatar a si mesmo**. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

\_\_\_\_\_. **Mecanismos psíquicos del poder**. Madrid: Ediciones Cátedra, 2001.

\_\_\_\_\_. **Excitable Speech**. Londres: Routledge, 1997.

\_\_\_\_\_. **Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do sexo**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva. In: LOURO, Guacira Lopes (Org.). *O corpo educado*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2001. p. 151-172.

\_\_\_\_\_. **Problemas de Gênero: Feminismo e subversão da identidade**. Tradução Renato Aguiar. 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

CHAUÍ, Marilena. **Cultura e Democracia: O discurso competente e outras falas**. 5. ed. São Paulo : Cortez, 1990

CHAUÍ, Marilena. **Almanaque 11- Educação ou Desconversa?**, São Paulo: Brasiliense, p.1-3, 1980

CORRÊA, Mariza. *Do feminismo aos estudos de gênero no Brasil: um exemplo pessoal*, Campinas: Cadernos Pagu, n. 16, p. 13-30, 2001.

CORRÊA, E.S.& SILVEIRA, S.C. **Proposta teórico-metodológica para a pesquisa de objetos no jornalismo**. São Paulo: USP, maio-agosto, 2017

CRUZ, M.; DIAS, A. **Antifeminismo**, Sergipe: Revista de Estudos de Cultura, n. 1, p. 33-42, jan./abr. 2015.

DI FELICE, M. *Ser redes: o formismo digital dos movimentos net-ativistas*, São Paulo: Ed. MATRIZES, Ano 7 – nº 2, p. 49-71, jul./dez. 2013.

FLORES, B. *O Pensamento Antifeminista: a querela dos sexos*, Santa Catarina: História Revista, n. 9, p.227-252, jul./dez. 2004

FOUCAULT, M. **O nascimento da biopolítica**. São Paulo: Martins Fontes,

FLUSSER, V. **Fenomenologia do Brasileiro**. Uerj: Rio de Janeiro, 1998.

GROSSI, P. **A REVISTA ESTUDOS FEMINISTAS FAZ 10 ANOS: UMA BREVE HISTÓRIA DO FEMINISMO NO BRASIL**, sANTA Catarina: Estudos Feministas, Ed. Instituto de Estudos de Gênero da Universidade Federal de Santa Catarina, v. 12, ed. especial, pp. 211-22, set./dez. 2004.

HAWKESWORTH, Mary - **A semiótica de um enterro prematuro: o feminismo de uma era pós-feminista**. Estudos Feministas, Florianópolis, 14(3): 272, setembro-dezembro/2006.

HEMMINGS, Claire - Contando estórias feministas. Rev Estud. Fem. vol 17 no.1 Florianópolis Jan/Abr 2009

HIMMELSTEIN, Jerome L. - **The Social Basis of Antifeminism: Religious Networks and Culture**. Journal for the Scientific Study of Religion Vol. 25, No. 1 (Mar., 1986), pp. 1-15.

HOWARTH, D.; NORVAL, A.; STAVRAKAKIS, Y (Org.). **Discourse Theory and Political Analysis: Identities, Hegemonies, and Social Change**, Nova Iorque: Manchester University Press, 2000.

LACLAU, Ernesto & MOUFFE, Chantal. **Hegemonia e estratégia socialista: por uma política democrática radical**. Autores São Paulo, Intermeios, 2015.

LACLAU, Ernesto & MOUFFE, Chantal. **Hegemony and Radical Democracy Towards a Radical Democratic Politics**, 2. ed. Norfolk:Verso, 2000.

MELLO, C. **Extremidades do Vídeo**. 1. ed. São Paulo: Editora Senac, 2008. v. 1. 255p .  
\_\_\_\_\_. **Extremidades: leituras entre arte, comunicação e experiência contemporânea**. In: Arantes, Priscila; Prado, Gilberto; Tavares, Monica. (Org.). **Diálogos transdisciplinares: arte e pesquisa**. 1. ed. São Paulo: ECA/USP, 2016, v. 1, p. 120-135.

MOITA, Júlia Francisca Gomes Simões - **Antifeminismo na Luta pela Emancipação das Mulheres: O Femen Brazil Revisita o Essencialismo**. Seminário Internacional Fazendo Gênero 10 (Anais Eletrônicos), Florianópolis, 2013. ISSN 2179-510X.

MOITA e THAUMATURGO - **Seminário Internacional Desfazendo Gênero** 14 a 16 de agosto de 2013, Natal (RN) Grupo de Trabalho: GT 21 - (Trans) Posições De Sujeitos: Atravessamentos, Intersecções E Desistências Das Identidades.

OLIVEIRA, A. C. **Semiótica Plástica**. São Paulo: Hacker Editores, 2004.

PINHEIRO, A. **Mídia e mestiçagem**. In: Amálio Pinheiro. (Org.). Comunicação & Cultura. 1ªed.Campo Grande- MS: UNIDERP, 2007, v. 01, p. 17-31.

PRADO, A. **Acontecimento, tensividade e circuito dos afetos**. Trabalho apresentado no XXV Encontro Anual da Compós, Universidade Federal de Goiás, 2016.

\_\_\_\_\_. **Política do acontecimento**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, pp. 495-520, maio/agosto 2013.

\_\_\_\_\_. PRADO, A.; PRATES, V. **Regimes de convocação do ambientalismo nas revistas brasileiras de negócios**, SBPJor: Brasil, v. 8, n.2, p. 173-191. 2012.

QUERÉ, L. **A dupla vida do acontecimento: por um realismo pragmatista**. In: FRANÇA, V; OLIVEIRA, L (Org.). *Acontecimento: reverberações*. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

RECUERO, R. **Redes sociais na internet**, Porto Alegre: Editora Sulina, 2009.

RECUERO, R.& SOARES, P. **Violência simbólica e redes sociais no facebook: o caso da fanpage “Diva Depressão”**. São Paulo: Galáxia, dez, p. 239-254, 2013.

SALIH, S. **Judith Butler e a Teoria Queer**. São Paulo: Autêntica, 2016. Tradução de Guacira Lopes Louro

SANTAELLA, L. **Culturas e Artes do Pós-Humano: da Cultura das Mídias à Cibercultura**, São Paulo: Paulus, 2003.

SCHMIDT, R. **Refutações ao feminismo: (des)compassos da cultura letrada brasileira**. In: Revista de Estudos Feministas, Florianópolis - SC: UFSC, 2006, v.14(3), p. 765-799.

SCHREIBER, Ronnee - **The Oxford Handbook of U.S Women’s Social Movement Activism**. Oxford University Press (2017) “Anti-Feminist, Pro-Life and Anti-ERA Women”. Editado por Holly J. McCammon, Verta Taylor, Jo Reger and Rachel L. Einwohner.

SEMPRINI, A. **A marca pós-moderna: poder e fragilidade da marca na sociedade contemporânea**. Trad. Elizabeth Leone. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2006.

SOIHET, R. **Zombaria como arma antifeminista: instrumento conservador entre libertários** In: Revista de Estudos Feministas, Florianópolis - SC: UFSC, 2005, v.13(3), p. 591-611.

PIETROFORTE, Vicente - **Análise do Texto Visual: A construção da Imagem**. Editora Contexto, 1ª ed. São Paulo-SP

TIBURI, M. **Campanhas feministas nas redes sociais evidenciam a face jovem do movimento**, Porto Alegre: Jornal Digital Zero Hora, 05 dez. 2015.

ZILBERBERG, Claude - *Síntese da Gramática Tensiva*. Tangence, Québec, n. 70, p. 111 - 143, outono 2002. Tradução de Tatit e Lopes.